

# Brasil - História da Tradução

## Em suma



 **ENG** [Brazil](#) **CAT** [Brasil](#) **EUS** [Brasil](#) **GLG** [Brasil](#) **SPA** [Brasil](#)

### outros nomes

[Monte Pascoal](#), Ilha de Vera Cruz, Terra de Santa Cruz, Terra de Vera Cruz, Nova Lusitânia, Cabrália. Durante o período do Brasil Colônia, outros nomes foram usados: Principado do Brasil, Vice-reino do Brasil e Reino do Brasil. Com a independência, em 07 de setembro de 1822, se tornou Reino Independente do Brasil. Na proclamação da República, em 15 de novembro de 1889, a designação oficial se tornou República dos Estados Unidos do Brasil. Finalmente, em 24 de janeiro de 1967, data da Constituição brasileira, o nome República Federativa do Brasil foi escolhido. O nome Brasil também está associado à árvore pau-brasil ([paubrasilia echinata](#)).

### resumo

A história da tradução e da interpretação no território brasileiro é antiga, mal documentada e insuficientemente conhecida. No entanto, o Brasil é um país onde os Estudos da Tradução ocupam uma posição de destaque na pós-graduação e isso tem contribuído para que as pesquisas sobre história da tradução se multipliquem em diferentes instituições. O que segue é um panorama sucinto de uma história complexa, compreendendo vários séculos e envolvendo uma grande variedade de atores em uma área enorme. Séculos antes da chegada dos portugueses, houve, em diferentes graus, interpretação, entre os povos indígenas, sobretudo entre os tupis que ocuparam boa parte do litoral brasileiro e outros povos que habitavam a região. A partir do "descobrimento" oficial do Brasil em 1500, os colonizadores portugueses praticaram regularmente a interpretação com os diferentes povos indígenas, à medida que iam ocupando o território, muitas vezes usando o tupi como língua intermediária. Na sequência, com a chegada dos jesuítas, e com os esforços de catequização de parte da população indígena, as relações começam a se alterar e da tradição oral passamos à tradição escrita. A tradição escrita ganha corpo depois da chegada da família real portuguesa ao Brasil, em 1808, pois os livros que antes eram impressos em Portugal passam a ser produzidos dentro no Brasil, sob o controle da Imprensa Régia. No século XIX, o país começa a publicar regularmente jornais, revistas e livros, e a tradução passa a ter uma presença importante, embora nem sempre explicitada. No século XX, assistimos ao desenvolvimento da indústria

editorial nacional e nela a tradução vai ocupar um papel importante, em diferentes momentos. A tradução será feita sobretudo do francês e do inglês, de que serão feitas as traduções indiretas, que serão frequentes até a metade do século. No final do século XX e no século XXI, assistiremos a uma verdadeira revolução em termos de tradução no país, que coincide com a revolução digital e com o desenvolvimento das universidades. A tradução, feita crescentemente de modo direto de um amplo leque de línguas, não só passa a ocupar um lugar importante na produção nacional, como passa a ser estudada de modo sistemático nas universidades. São criados programas específicos de mestrado e doutorado em Estudos da Tradução, e há uma crescente bibliografia sobre a área, e vários periódicos especializados.



## recorde

 Andréia Guerini & Walter Carlos Costa

 Fabiano Seixas Fernandes

 2022

 Guerini, Andréia & Walter Carlos Costa. 2022. "Brasil - História da tradução"@ *ENTI* (*Encyclopedia of translation & interpreting*). AIETI.

 <https://doi.org/10.5281/zenodo.6363431>

 [https://www.aieti.eu/enti/brazil\\_POR](https://www.aieti.eu/enti/brazil_POR)

# Entrada



ENG [Brazil](#) CAT [Brasil](#) EUS [Brasil](#) GLG [Brasil](#) SPA [Brasil](#)

## conteúdo

[Introdução](#) | [Período Pré-Colonial](#) | [Período Colonial \(séculos XVI-XVIII\)](#) | [Império \(século XIX\)](#) | [República \(1889 até o presente\)](#) | [A tradução na academia no Brasil](#) | [Pesquisas potenciais](#)

## Introdução

Cientes de que elaborar uma história da tradução significa trazer à tona a complexa teia de trocas culturais ao longo dos tempos (Delisle & Woodsworth 2003: 11), podemos afirmar que, dada sua sequência de eventos, ideias e discursos, a história da tradução e da interpretação no território brasileiro é rica em peculiaridades, tendo desempenhado papel fundamental em diversos momentos. O panorama que iremos apresentar abrange vários séculos e inclui momentos importantes da história da tradução no Brasil, destacando indivíduos específicos, homens e mulheres, mais e menos conhecidos, que contribuíram com diversos setores da sociedade brasileira.

A história da tradução e da interpretação no território brasileiro é antiga, mal documentada e insuficientemente conhecida. No entanto, o Brasil é um país onde os Estudos da Tradução ocupam uma posição de destaque na pós-graduação e isso tem contribuído para que as pesquisas sobre história da tradução se multipliquem em diferentes instituições. Houve também um desdobramento de pesquisas em diversas subáreas, incluindo a história da tradução. O que segue é um panorama sucinto de uma história complexa, compreendendo vários séculos e envolvendo uma grande variedade de atores em uma área enorme.

Em termos gerais, podemos conceber a história da tradução no Brasil em quatro momentos, antepondo um período aos propostos por Holanda e Fausto (2007): (1) o primeiro, Pré-colonial, anterior à ocupação portuguesa, depois, (2) o Período Colonial (Séculos XVI-XVIII), (3) o Império (Século XIX) e (4) a República (Séculos XX e XXI). Naturalmente, a divisão escolhida não é estanque, porque a história é feita de *[corsi e ricorsi](#)*; as partes dialogam entre si, umas



*Mapa da América do Sul, com o Brasil no centro [Fonte].*

alimentando as outras. A divisão proposta contém elementos que ajudaram a compor a história da tradução no Brasil, tais como Barbosa & Wyler (1998), Wyler (2003), Milton & Silva-Reis (2019).

Se a presença estrangeira afetou a vida brasileira em todas as suas fases, inclusive a que denominamos aqui pré-colonial, não surpreende que diferentes tipos de tradução, em suas mais diversas formas, tenham sido os propulsores de setores da cultura nacional, contribuindo para estimular e disseminar o conhecimento.

Ademais, no caso específico da construção dessa história da tradução, podemos dizer que nos concentramos no material histórico disponível (Lambert 1993), procurando analisar a sequência de eventos, ideias e discursos (D’Hulst 2010, 2001), chamando atenção para a figura do tradutor (Pym 1998; Robinson 2002). Assim, apresentaremos fragmentos de micro-histórias (Ginzburg 1993; Adamo

2006) na tentativa de compor uma “macro-história” da tradução no Brasil, ou a “arqueologia da tradução”, relacionando os discursos, nos quais a história, a crítica e a teoria estão imbricadas, conscientes de que ainda permanecerão muitas lacunas, porque o campo é imenso e, como sugere Lambert (2020: 137):

**Quanto mais nossa pesquisa historiográfica e conceitual avançar, mais ela continuará inovando e contradizendo percepções, generalizações, especificações ou experiências culturais anteriores. E é por isso que ela é extremamente necessária. Para o bem do conhecimento acadêmico.**

[back to top](#)

## ¶ Período Pré-Colonial

Em *História dos índios no Brasil*, Manuela Carneiro da Cunha chama a atenção para o fato de que a história canônica do Brasil começa sempre pelo “descobrimento”, pois “são os “descobridores” que a inauguram e conferem aos gentios uma entrada — de serviço — no grande curso da História” (1992: 9). Contudo, existem registros e estudos que indicam a circulação de grupos vindos de outros lugares que habitavam o território que hoje conhecemos como Brasil. Não sendo possível estabelecer datas precisas sobre as diferentes migrações, indícios arqueológicos mostram uma presença anterior a 12 mil anos. Alguns linguistas apontam para um povoamento das Américas que teria iniciado há 30-35 mil anos (Nichols 1990, 1992). Greenberg (1987), que mantém os 12 mil anos, estabelece a existência de três grandes línguas colonizadoras que teriam entrado no continente em vagas sucessivas (Cunha 1992: 10-11). Guidon (1992) sugere a possível chegada de diversos grupos humanos à América, por diferentes vias de acesso, tanto marítimas como terrestres; também julga que os primeiros grupos podem ter chegado ao continente há pelo menos 70 mil anos.

Mais especificamente sobre o Brasil, Guidon afirma que o território foi colonizado desde épocas bastante remotas; todo o país já estava ocupado desde há 12 mil anos. A população era densa, pelo menos na região Nordeste, a partir de 8 mil anos. Guidon (1992: 52) também afirma que, durante todo o Holoceno, grandes famílias linguísticas deviam dominar vastas áreas, mas as guerras intertribais que antecederam a chegada do colonizador branco embaralharam a situação, tornando difícil o correlacionamento entre as culturas pré-históricas e as etnias indígenas da época do contato.

Essas informações nos colocam diante da questão comunicativa, porque são diferentes povos, com diferentes línguas verbais e não-verbais (dança, pintura, encenação), circulando em um vasto território. Havia um “conglomerado linguístico” proveniente de diferentes culturas, que estavam em contato.

Sabe-se muito pouco sobre os diferentes grupos indígenas anteriores à chegada dos portugueses: nem a origem, nem as cifras de população são seguras, muito menos o que realmente aconteceu (Cunha 1992: 11). Estima-se, porém, que no Brasil habitavam milhões de pessoas que foram sendo paulatinamente dizimadas ao longo da história (Cunha 1992: 14). Como antes da invasão europeia não havia registros escritos, foi mais fácil apagar e silenciar culturas milenares, que eram transmitidas pela tradição oral e por representações não-alfabéticas, como a pictórica e a ritual, como danças, e encenações.

Felipe e D’Angelis (2019) destacam que, à época do “descobrimento”, no Brasil havia uma população estimada entre seis e nove milhões de indígenas, que falavam perto de 1.200 línguas, pertencentes a diferentes famílias e troncos linguísticos, o que nos permite dizer que muito antes da colonização, o Brasil já era um país multilíngue, onde conviviam povos falantes de línguas muito diversas, e cenário de um intenso intercâmbio linguístico. De fato, o território brasileiro nunca deixou de ser multilíngue ao longo de toda a sua história.

Essa riqueza linguística ao longo dos séculos foi diminuindo, em função, entre outros, do apagamento das culturas indígenas no país. Oliveira (2008: 3), em um artigo intitulado “Plurilinguismo no Brasil”, informa que, no século XXI, as nações indígenas do país falam cerca de 170 línguas autóctones. Dados do IBGE de 2010, indicam a existência de 274 línguas indígenas. Estudos mais recentes, como o de Stenzel & Franchetto (2017), apontam para a existência hoje de aproximadamente 300 línguas na bacia amazônica, que tem o Rio Amazonas como principal afluente, o qual foi batizado “Rio Babel”, justamente pelo multilinguismo da região (Freire 2003: 44).

Podemos pressupor que havia, em diferentes graus, algum tipo de tradução entre estes povos, especialmente entre as populações do tronco linguístico tupi-guarani, que ocuparam boa parte do litoral brasileiro e outros povos que habitavam a região e que usavam línguas de outros troncos linguísticos, como o Macro-Jê. Nesse complexo e múltiplo contexto linguístico, era possível se fazer entender através das línguas, dos ritos, das encenações, da interpretação pictórica. E a língua franca envolvida no processo de comunicação era a tradução.

Ao analisar as narrativas da língua Kalapalo, Guerreiro, A. Kalapalo, J. Kalapalo & U. Kalapalo (2017: 137) afirmam:

**Ao interagir com diferentes formas de alteridade, o problema da comunicação aflora, e a narrativa de Kamagisa mostra como as traduções podem ser**

**produzidas por diversos meios: o que se canta, mesmo que não seja totalmente compreendido, pode ser traduzido em ações, que, por sua vez, podem ser traduzidas em relações sociais. [...] Isso sugere que, se existe algo parecido a uma língua franca no Alto Xingu, são os rituais e o sistema de comunicação composto por mitos, performances musicais e coreográficas, e decoração corporal.**

Essa língua franca está no cerne daquilo que, mais tarde, foi chamado de tradução cultural, que é um procedimento de descrever o que ocorre em encontros culturais quando cada lado tenta compreender as ações do outro (Burke 2007), sem deixar de indicar as diferenças entre estas culturas em suas incompletudes e mútuas interrelações. Esses são alguns dos elementos para pensarmos a tradução no período pré-colonial.

[back to top](#)

## **¶ Período colonial (séculos XVI-XVIII)**

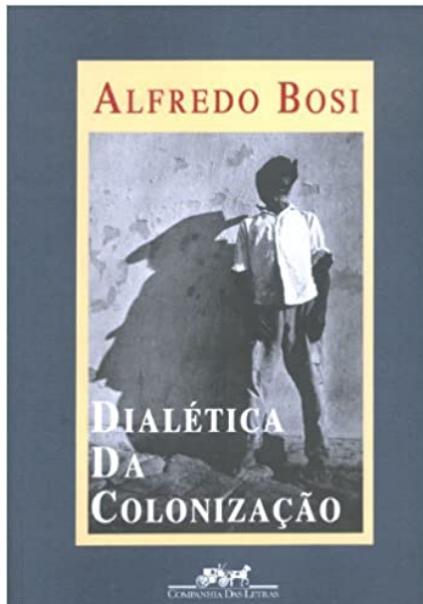
A partir do “achamento” oficial lusitano em 1500, descrito na carta de Pero Vaz de Caminha, que foi um dos primeiros a interpretar o Brasil, temos um famoso relato de viagem, que pode ser considerado o primeiro texto “literário” escrito em português no Brasil. Na carta, temos uma “tradução”, do ponto de vista do colonizador português, do que aqui se encontrava, com a descrição da paisagem e dos indígenas e de como a comunicação foi sendo realizada (inicialmente, por gestos), e nela vemos desenhada a “geografia fantástica” do Brasil. Essa imagem vai ser reproduzida e reforçada pelas narrativas que os conquistadores ouviram ou quiseram ouvir dos indígenas, sendo contaminada desde cedo pelas projeções e interpretações com que os colonizadores “traduziam” os discursos dos naturais da terra (Holanda 2000: 83). O Brasil desse período surgiu como uma espécie de “primo pobre” em meio às diversas partes do mundo português (Holanda 2002: 59), pois não eram evidentes as suas riquezas. Contudo, desde os primeiros contatos, era necessário comunicar. Nesse sentido, além da comunicação inicial por gestos, a figura do intérprete exerce papel importante, até porque a tradução oral (interpretação) precede a tradução escrita. Fundamental nesse processo de interpretação foi o “língua”, geralmente um português subalterno que forçadamente “convivia” com os indígenas para aprender a(s) língua(s) e depois atuar como mediador e servir às autoridades da colônia portuguesa para auxiliar nas trocas. De acordo com Faraco (2016: 63),

Os línguas não funcionavam apenas como intérpretes linguísticos, mas como mediadores que atuavam quer nos processos de desvelamento, para o europeu, da geografia, da sociedade e da cultura dos territórios visitados ou ocupados, quer nos processos de imposição, às populações locais, da lógica colonial nas relações econômicas, políticas e socioculturais. Nesse sentido, os línguas, pelo seu saber linguístico, dispunham de uma dose de poder que fazia deles agentes cruciais nas sociedades criadas ou recriadas pelo colonialismo europeu. Nas feitorias, eram competentes e muito bem remunerados funcionários da administração.

Os línguas foram responsáveis por efetivar a comunicação e, conseqüentemente, incentivar o *escambos* ou *resgate* que, segundo Priore (2016), era uma prática de troca direta de mercadorias que não envolvia moeda. Nesse primeiro contato, embora tenha sido “mais ‘cordial’ que se poderia esperar”, as relações de comunicação entre o colonizador português e os diferentes povos

indígenas são relações entre dominadores e dominados, pois a “formação colonial” no Brasil, conforme sugere Bosi (1992: 25), vinculou-se economicamente, aos interesses dos mercadores de escravizados, de açúcar, de ouro; politicamente, ao absolutismo reinol e ao mandonismo rural, que engendrou um estilo de convivência patriarcal e estamental entre os poderosos, escravista ou dependente entre os subalternos. E o aspecto linguístico está na base desse processo histórico e no cerne da “dialética da colonização”.

Além da intermediação das relações econômicas, os intérpretes também tiveram um papel importante na “cristianização” dos índios, pois esse era um dos objetivos do projeto de colonização do Brasil. Com a chegada dos jesuítas e com os esforços de catequização de parte da população local, as relações começam a se alterar e da tradição oral, passamos à tradição escrita. No entrelugar de uma tradição a outra, Holanda (2002: 91-93) destaca que



A formação espiritual da Colônia foi desde o início confiada pela Coroa portuguesa à ordens religiosas e, em particular, à Companhia de Jesus. Os jesuítas não apenas se dedicavam intensamente à catequização dos selvagens, mas, além disso, à adoção e *adaptação de expressões artísticas* que falassem à alma tanto dos velhos como dos novos habitantes do país. Em seus poemas e representações sacras, esses missionários escreveram a primeira página de nossa história literária [...] Talvez não seja exagero dizer que, ainda que fiéis à Coroa portuguesa, que tanto os favorecia, eles não deixaram de contribuir, a seu modo, à formação de uma consciência local, criando condições para uma maior receptividade entre os indígenas, a certos valores universais – “católicos” no significado amplo da palavra – e não apenas ibéricos e portugueses.

### *Bexplica a dinâmica da colonização.*

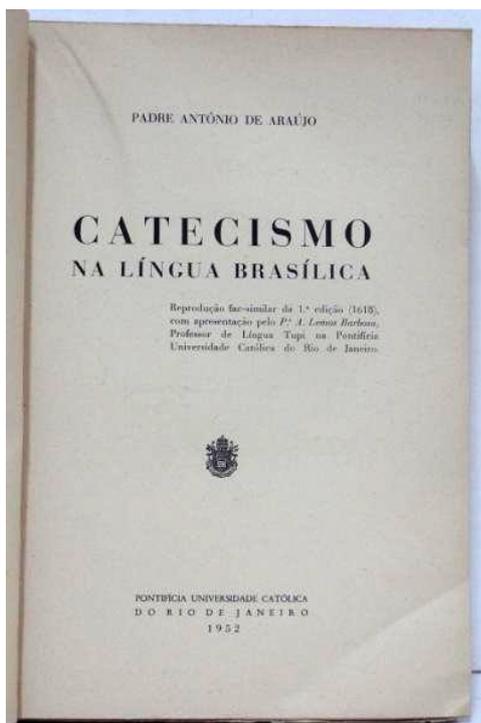
Os jesuítas, com destaque para [Manuel da Nóbrega](#) (1517-1570) e [José de Anchieta](#) (1534-1597), intérpretes “religiosos” do Brasil, contribuíram não apenas para a catequização, mas também para compor a literatura “quincentista”, com textos de caráter religioso e relatos, com descrições de viagens e outros. Muitas vezes, eles se autotraduziram, adaptando as próprias obras e também traduziram e adaptaram obras estrangeiras. É o período de intensificação das manifestações literárias da tradição escrita. Na tradição oral, os indígenas já eram mestres em suas narrativas. Assim, os povos nativos e os povos estrangeiros usavam, entre outros procedimentos, a “transadaptação” e “canibalização” com os mais diferentes textos para a comunicação em geral e para a catequização em particular.

José de Anchieta, por exemplo, foi autor de diferentes obras; algumas delas, como as de teatro, foram traduzidas, adaptadas e encenadas em tupi, português, espanhol e latim. Além disso, usou um procedimento tradutório, o da tradução/redução (Agnolin [2001](#); Alves Filho [2010](#)), que foi uma forma de traduzir os conceitos religiosos do catolicismo para o tupi, de forma que os indígenas pudessem compreender tais conceitos. Esse processo também foi usado por outros jesuítas, pois,

segundo Agnolin, num território onde as tradições narrativas se constituem de forma essencialmente oral, o primeiro passo que cabe aos missionários é o de “reduzir” – antes mesmo dos indígenas (o ethos social de suas culturas) – suas próprias línguas sob o modelo da escrita e, por conseqüência, do alfabeto e das regras gramaticais latinas. Enquanto instrumento de tradução de conteúdos e sentidos da doutrina cristã, essa redução linguística realizava – até onde foi de alguma forma possível – uma, mesmo que improvável, “língua geral da costa”. Paralelamente realizava, dessa forma, uma conquista, uma conversão e uma tradução, através de uma imposição (conceptual): processo que realizava uma espécie de “encontro” (mesmo na sua expressão de “choque”) que, pelos problemas vislumbráveis na escrita jesuítica desse “dialeto colonial”, pôde, de alguma forma, nos deixar os rastros de uma significativa incompreensão e/ou impossibilidade de tradução, que nos revela algo precioso (Agnolin 2001: 56).

Por isso, como sugerido por Holanda (2002), os jesuítas foram os responsáveis “pela formação espiritual” e também intelectual, criando, traduzindo e adaptando textos da cultura do colonizador na cultura local, e por controlar toda a impressão colonial e por terem sido os primeiros a fundar escolas e a trazer livros ao Brasil em 1594, data da instalação do Governo Geral em Salvador. Segundo Moraes (2006: 4), essa data marca, de fato, o começo da vida administrativa, econômica, política, militar, espiritual e social do Brasil. Só começamos a engatinhar pelo caminho da cultura depois do estabelecimento dos conventos dos jesuítas, franciscanos, carmelitas e beneditinos, principalmente os padres da Companhia de Jesus que logo após sua chegada abrem colégios na Bahia e em outras capitais. A instrução e os livros estavam nos conventos [...] é a Idade Média brasileira.

Não causa estranheza, portanto, saber que a primeira tradução escrita de que se tem notícia é *A suma da doutrina cristã na língua tupi*, publicada em 1557, pelo jesuíta João de Azpilcueta Navarro, considerado o primeiro tradutor do Brasil, e que José de Anchieta foi o autor da primeira gramática de língua indígena brasileira: *Arte de gramática da língua mais usada na costa do Brasil*, de 1595 e o *Catecismo na língua brasileira* do jesuíta Padre Araújo (1592) é o primeiro texto catequético numa língua indígena brasileira, que saiu numa publicação impressa, em 1618 (Agnolin 2001: 39).



Podemos sugerir que os jesuítas no Brasil operaram uma espécie de “sincretismo” tradutório *avant la lettre*, quer na realização propriamente dita, quer na combinação dos mais variados elementos culturais para alcançar os seus objetivos de cristianização dos povos originários. Nesse período e com esses procedimentos, temos uma espécie de antropofagia já em curso no que tange a interpretação e a tradução de diferentes textos. Cabe aqui registrar que não apenas nesse contexto temporal, mas também mais tarde, como sugerem Stenzel & Franchetto (2017: 2), o fato de alguns conceitos e temas culturais não terem sido “bem traduzidos” ou terem sido “canibalizados por conceitos ocidentais/não indígenas”.

Convém chamar atenção para o fato de que, por muito tempo, tivemos o uso generalizado da língua geral, conhecida como *nheengatu*, ou tupi moderno, utilizada pelos bandeirantes, até a imposição do português como língua oficial pelo Marquês

*Catecismo na língua basílica, do jesuíta Padre Araújo (1592).*

de Pombal (1699-1782) em 1757. O *nheengatu*, segundo Navarro (2012: 245-246), é uma língua supra étnica, nascida do Tupi Antigo e usada na maior parte da costa brasileira no tempo da chegada dos portugueses, em 1500 e foi mais falada que o próprio Português, inclusive por não índios, até o ano de 1877, quando começava o Ciclo da Borracha. Navarro aponta que foi por meio das línguas gerais que a América indígena encontrou-se com a América portuguesa.

Em termos linguísticos, destaca-se que o português só começou a substituir essa *língua geral do Brasil* com a grande onda de imigração portuguesa provocada pela corrida do ouro no início do século XVIII (Hallewell 2012), não por acaso Heloisa Barbosa e Lia Wyler (2001: 326) afirmam que a história do Brasil está intimamente ligada à da tradução e à mudança linguística.

A rica questão linguística se entrelaça e se intensifica, no século XVII, com os outros estrangeiros que chegavam ao Brasil, como os africanos escravizados e os exploradores espanhóis, ingleses, franceses e holandeses, e, mais tarde, nos séculos XVIII e XIX, os imigrantes italianos, alemães, japoneses, poloneses, ucranianos, chineses, e outras centenas de nacionalidades e serviu para alimentar, não sem conflitos, as diferentes trocas culturais que serviram para a formação cultural do Brasil, que teve que conviver com a interpretação oral nos mais diferentes setores por muitos séculos, e só mais tarde com a tradução, pois a tradição escrita ganha corpo depois da chegada da família real ao Brasil, em 1808, que introduziu a criação da Imprensa Régia.

Os livros que antes eram, em geral, impressos em Portugal ou outros países, como a França, passam a ser produzidos no Brasil. Contudo, antes de 1808, segundo Morel, foi possível inventariar mais de trezentas obras de autores nascidos no território brasileiro, incluindo não só livros, mas impressos anônimos, relatando festejos e acontecimentos, antologias e índices, além de alguns manuscritos inéditos de autores clássicos, até porque existiam máquinas impressoras clandestinas (Morel 2012: 28).

De acordo com Hallewell (2012), a primeira máquina impressora de que se tem notícia foi instalada no Recife, entre o final do século XVII e o início do século XVIII. Ao tomar conhecimento, Portugal mandou interromper as atividades, porque tudo que fosse produzido no Brasil colonial deveria ser publicado na Europa ou permanecer em forma de manuscrito e ainda deveria passar pela aprovação da Coroa, porque a censura durou até 1821. Apesar da censura e das restrições portuguesas, os livros chegavam ao Brasil por meio do contrabando e há registros de grandes bibliotecas particulares.

Paes (1990: 11) afirma que o absolutismo português não tinha nenhum interesse em desenvolver a vida intelectual na colônia, mantendo sua população em “estado de inferioridade mental”. Segundo Paes, Portugal não só proibiu a instalação no Brasil de universidades e de tipografias como também, através de uma censura férrea e de um ensino jesuítico de índole retrógrada e imobilista, cuidou de impedir a circulação de perigosas ‘idéias estrangeiras’ (Paes 1990: 12). Por causa disso, as traduções do período eram principalmente de textos religiosos para fins de catequização dos indígenas.

Ainda no século XVII, o contexto multilinguístico é efervescente; basta pensar na ocupação holandesa do que é hoje o estado de Pernambuco e áreas de vários estados vizinhos, os franceses na região do atual estado do Maranhão e a intensificação da vinda dos negros escravizados da

África. Assim, como destaca Wyler (2003: 34), piratas, corsários e colonizadores, de nacionalidade espanhola, francesa, inglesa e holandesa, contribuíram para fortalecer as tradições de plurilinguismo e multiplicar o número de intérpretes durante o período colonial e além.

Essa diversidade demográfica, cultural, identitária e linguística, que inicialmente se deu na relação entre os diferentes povos do período pré-colonial, depois entre os colonizadores e os nativos das diferentes etnias indígenas, a vinda de outros europeus e depois com os africanos escravizados, que também vinham de sistemas culturais e linguísticos internos diversificados, faz com que entendamos melhor a “complexidade do *melting-pot* colonial” (Novais 2018: 13), e de como nos identificamos como “brasileiros”, conforme sugere Fernando A. Novais, daí também a importância e relevância da interpretação e da tradução na construção sociocultural do Brasil.

Nesse contexto multilíngue, a presença do [Padre Antonio Vieira](#) (1608-1697) é importante, pois atuou como um mediador entre os interesses de Portugal na Colônia, destacando-se pelo conhecimento de alguns idiomas indígenas e por se opor à escravização dos índios, entre outros. Os seus famosos sermões “traduziram” o espírito da época, evidenciando as relações entre dominadores e dominados, especialmente com os indígenas, a quem Vieira, com empatia, denominava *brasis*.

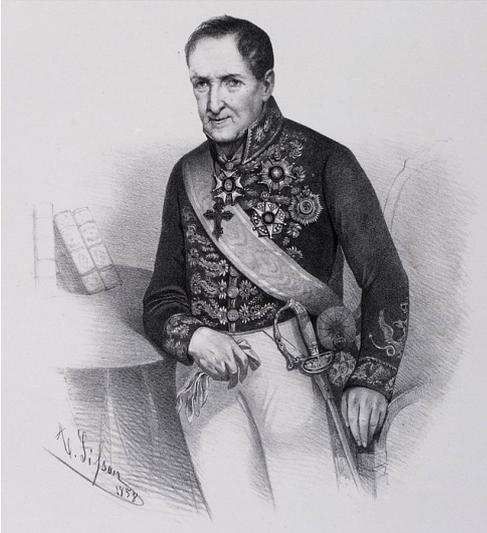
Em âmbito literário, destacamos a figura de [Gregório de Matos](#) (1636-1695), que, segundo Haroldo de Campos, é o grande representante brasileiro do barroco, com uma obra que já nasceu adulta, formada, no plano dos valores estéticos, falando o código mais elaborado da época. Um aspecto destacado por Haroldo de Campos sobre a poesia de Gregório de Matos é o da “miscigenação”, já que ele, em seus sonetos, misturava termos portugueses, tupi-guarani e africanos.

A miscigenação na obra de Gregório de Matos se deve a diferentes fatores: às traduções interlinguais de escritores italianos e espanhóis, às traduções intralinguísticas que realizou de Camões e o Padre Antonio Vieira, passando pelo diálogo que faz com uma determinada tradição, em que a intertextualidade, a imitação e a paráfrase eram procedimentos que compunham o seu modelo de “tradução-apropriação”. A tradução estava imbricada nas composições poéticas de Gregório de Matos a ponto de alguns críticos falarem de diálogos textuais e outros de plágio (La Regina 2000).

Ainda no campo literário, temos autores do chamado [Arcadismo](#), como [Cláudio Manuel da Costa](#) (1729-1789) que traduziu, entre outros, Metastasio, que era um dos autores italianos, segundo Holanda, mais populares no Brasil nessa época (2002).

Tanto [Manoel Botelho de Oliveira](#), Cláudio Manuel da Costa e [Basílio da Gama](#) não apenas escreviam em português como em espanhol e italiano. Como relata Holanda (2002: 105), na segunda metade do século XVIII começa a manifestar-se nesses autores, quase todos educados sob a influência de uma instituição importada da Itália, as academias literárias, e de outra criação italiana, a Arcádia, um sentimento que não tardará a passar das letras à política.

Com a intensificação da tradução de diferentes textos científicos, temos [Manuel Jacinto Nogueira da Gama](#) (1765-1847), que em seu *Discurso do Tradutor*, publicado em 1798, paratexto à sua tradução do livro *Reflexões sobre a metaphysica do calculo infinitesimal*, de Lazare Carnot, exalta o papel e a importância da tradução e, segundo Else Vieira, é um pioneiro da teoria da tradução técnica (2018: 55).



**Manuel Jacinto Nogueira da Gama**  
(1765-1847), um pioneiro da  
tradução técnica no Brasil.

Não são apenas textos de cunho científico a circularem em tradução nessa época, mas também material de historiadores, filósofos e políticos. Alguns desses textos chegaram clandestinamente no Brasil e serviram para impulsionar movimentos independentistas/separatistas, como o da **Inconfidência Mineira** – segundo Holanda (2002: 105), o primeiro movimento importante da emancipação da Colônia, cujos principais protagonistas são os poetas árcades.

Em “A tradução e a Inconfidência Mineira”, Irene Hirsch (2008) trata do assunto ao examinar o livro *Recueil des loix constitutives des Colonies Angloises Confédérées sous la denomination d’Etats-Unis de la Amérique Septentrionale*, uma tradução da Declaração da Independência dos Estados Unidos e das leis que antecederam a constituição estadunidense compiladas por Claude Ambrose Régner, que foi elaborado para o público francês, e chegou

clandestinamente ao Brasil à época da Inconfidência Mineira. A autora verifica como a filosofia política estadunidense chegou ao Brasil colonial, com a hipótese de que as traduções desempenharam um papel importante na propagação das idéias revolucionárias.

É o período das “entradas” e “bandeiras”, expedições para o interior do país, financiadas pela Coroa portuguesa e por iniciativas privadas e, nesse contexto, a figura do “língua” continua sendo muito relevante. Essa função não é mais desempenhada apenas por indígenas e por europeus, mas agora pelos filhos de indígenas com portugueses, e ainda por judeus, trazidos pelos holandeses, que atuaram como intérpretes e tradutores (Silva-Reis, Bagno 2016).

No limiar entre o século XVIII para o século XIX, destacamos a tipografia O Arco do Cego e o importante trabalho do frei mineiro José Mariano da Conceição Veloso (1742-1811), que foi tradutor, editor e coordenador do trabalho de outros tradutores de textos pragmáticos em Lisboa e é uma figura associada à história das ciências e à história do livro em Portugal e no Brasil. Segundo Harden (2009: 135), entre 1797 e 1805, pelo menos 20 traduções foram assinadas ou creditadas a ele, e ele supervisionou a tradução de cerca de outras 30, na área das ciências ou tecnologia, e a partir de línguas diferentes (espanhol, francês, italiano e inglês).

[back to top](#)

## ¶ Império (século XIX)

Um ponto de inflexão importante foi a chegada da família real portuguesa e grande parte da corte ao Brasil, fugindo da ocupação napoleônica. De 1808 a 1821, o império português foi administrado a partir do Brasil pelo Príncipe Regente, logo mais coroado como Dom João VI. As mudanças foram amplas e profundas. Temos a criação de escolas, academias, bibliotecas, museus, bancos, teatros. Em relação à cultura, cabe destacar algumas medidas, com impacto direto na produção e circulação da tradução no país. Entre estas, temos a criação da Imprensa Régia.

Com a instalação da Imprensa Régia, o Brasil passa a editar e publicar, não apenas documentos legais e administrativos, mas também periódicos e livros em geral, dos mais variados assuntos.

Segundo Castelo (2002: 43), a Impressão Régia, criada pelo Príncipe Regente em 1808 e que passou a ser a Imprensa Nacional, e em outras tipografias particulares estabelecidas no fim desse período, de 1808 a 1822, foram feitas cerca de 1251 publicações, incluindo-se periódicos; só na Impressão Régia, 1154. Encontra-se de tudo que traduz a situação geral e o pensamento da época: medicina, engenharia, matemática, economia política, direito, geografia, agricultura, gramática, filosofia, literatura, política, moral, pronunciamentos políticos.

Entre esses livros, há numerosas traduções, como o *Ensaio sobre a Crítica* (*Ensaio sobre a Crítica*) e dos *Ensaio Morais*, de Alexander Pope, feita pelo Conde de Aguiar; *História do Brasil*, de Alphonse de Beauchamp, feita por Pedro José de Figueiredo, publicada em 1817 na Officina de J.F.M. de Campos e com várias reimpressões pela Typografia de Desiderio Marques Leão. De obras literárias traduzidas do período, temos *O Diabo Coxo*, de Alain René Lesage, primeiro romance impresso no Brasil, em 1810; em 1811, *Paul et Virginie* (1787), de Bernardin de Saint-Pierre; e *As aventuras do Barão de Munchausen*, do alemão Rudolph Eric Raspe. Em 1813, D. João VI cria o Real Teatro de São João, onde serão representadas regularmente peças lusófonas e traduções, entre outras, *Ifigênia* e *Fedra*, de Racine, feitas por Antônio José de Lima Leitão e Manuel Joaquim da Silva Porto.

No campo literário, temos o movimento romântico. Se, por um lado, como destaca Candido, o “Romantismo brasileiro foi inicialmente (e continuou sendo em parte até o fim) sobretudo nacionalismo” (2004: 35), por outro, para alimentar a produção literária nacional, especialmente com a narrativa ficcional em prosa, que Candido considerava o melhor meio de expressar esse nacionalismo, usa-se a tradução como importadora de modelos. Um desses modelos é o romance, que começa a estar em voga durante os anos de 1830 por meio de traduções. Eram sobretudo narrativas de tipo folhetinesco, carregadas de episódios melodramáticos, que se refletiram nas primeiras tentativas feitas aqui, sob a forma de contos e novelas insignificantes (Candido 2004: 36).

Nessa época, como destaca Coutinho (2002: 14), deve-se à influência francesa a penetração das ideias “modernas” do século XIX no Brasil. Foi larga e profunda a influência francesa. Por isso, circulam muitas traduções de textos de língua francesa, que eram publicados em forma de folhetim e depois em livros, mas também de textos “científicos”, como o manual de *Instrução para viajantes e empregados nas colônias sobre a maneira de colher, conservar, e remeter os objectos da historia natural arranjada pela administração do R. Museu de Historia Natural de Paris*, ou manuais de outras áreas, como medicina, filosofia, educação.

As traduções, e também reflexões sobre tradução, vão aparecer em diferentes jornais, como em *O Patriota*, jornal litterario, politico, mercantil, &cc., do Rio de Janeiro, que foi publicado pela Impressão Régia entre 1813 e 1814. Foi o primeiro periódico brasileiro a ter ilustrações. Embora tenha durado apenas dois anos, foi um dos mais importantes da época por veicular assuntos diversificados, das ciências às artes. Dentre esses assuntos, temos a tradução. Em uma edição de 1813, o jornal publica *Discurso sobre a traducção* (1813: 69-78), de Silvestre Pinheiro Ferreira, que trata das vicissitudes do traduzir. César Agenor Fernandes da Silva chama atenção para o fato de que as traduções, ou melhor, o bom uso das palavras na escrita de artigos e traduções era uma preocupação desde o princípio do século. A seção “Gramática filosófica” de *O Patriota* foi ocupada por textos que discutiam a função das novas palavras e a própria gramática da língua portuguesa, bem como a tradução. As contribuições dadas a essa partição foram feitas, em sua maioria, pelo

então ministro de D. João, Silvestre Pinheiro Ferreira e por Joaquim José Luiz, identificado como um professor de Macau. [...] (2010: 159).

**O PATRIOTA,  
JORNAL LITTERARIO,  
POLITICO, MERCANTIL, &c.**

D O

**RIO DE JANEIRO.**

*Eu desta gloria só fico contente,  
Que a minha terra ame, e a minha gente.*  
Ferreira.

TERCEIRA SUBSCRIÇÃO.

N. 1.º

**JANEIRO E FEVEREIRO.**

RIO DE JANEIRO,  
NA IMPRESSÃO REGIA.  
1814.

Com Licença de S. A. R.



*A subscrição se faz na Loja da Gazeta, ou na  
de Francisco Luiz Saturnino da Veiga, a 6000 reis  
pelos seis numeros. Nas mesmas se vendem avullos  
a 1000 reis.*

**O Patriota, importante jornal no  
início do século XIX.**

A cena cultural do país era efervescente: a literatura nacional estava se consolidando, e a tradução exerceu papel muito importante, porque a relação entre tradução e escrita criativa é muito mais profunda e constante do que tem sido reconhecido na história literária, e mesmo na incipiente história da tradução no país. Assim, na origem do movimento romântico brasileiro estão escritores-tradutores, que, inclusive, costumam editar suas traduções junto com sua obra própria. Um exemplo ilustre é o de Sousa Caldas (1762-1814), que traduziu os *Salmos*, de Davi, “pondo assim na linha de frente a poesia religiosa, seguido por Frei Francisco de São Carlos e o árcade [Elói Ottoni](#), tradutor dos *Provérbios* e do *Livro de Jó*” (Candido 2004: 15).

Outro exemplo, é José Bonifácio de Andrada e Silva (1763-1838). Paes (2008: 160) nota que Bonifácio foi um pioneiro da tradução criativa, propondo “equivalentes audaciosos” para suas traduções do grego, como “auricomada”, “tranciloira”, “docerrisonha”.

Outro pioneiro da tradução criativa foi Domingos Caldas Barbosa (c. 1738 Rio de Janeiro-1800 Lisboa). Filho de pai português e de mãe angolana escravizada, é considerado um dos fundadores da MPB ([Música Popular Brasileira](#)) e um dos criadores da modinha: “Considerado por todos como o responsável pela fixação do gênero modinha em Lisboa. a 2ª metade do século XVIII. [...] Em 1790, fundou, com outros poetas (entre eles Curvo Semedo e Bocage), a “Nova Arcádia” de Lisboa. Ele adotou o pseudônimo de Lereno Selinuntino. Foi esse o nome que deu à sua coleção de poemas, que musicou em modinhas e lundus: *Viola de Lereno* (Lisboa, vol. 1, 1798; vol. 2, 1826)”.

Exemplo de sua habilidade e criatividade é “Partida Tradução, e Glosa da Partenza de Metastazio”, no qual recria, em dicção erudito-popular, a célebre canção do poeta e libretista italiano (Barbosa 1798). Domingos Caldas Barbosa traduziu *Henriade*, de Voltaire, publicada anonimamente em Lisboa em 1807, com o título *Henrique IV*. A mesma obra, intitulada *Henriada*, e traduzida por Thomaz Aquino Bello e Freitas, seria publicada no Rio de Janeiro em 1812.

Esse tipo de solução tradutória seria retomado, de forma mais sistemática por [Odorico Mendes](#) (1799-1864), que além de tradutor, exerceu atividades importantes na carreira política. Odorico Mendes traduziu obras de autores clássicos, como Homero e Virgílio. O método de tradução de Odorico Mendes foi bastante discutido, criando polêmicas entre os que elogiam (José Veríssimo, Haroldo de Campos), e os que criticam (Silvio Romero, Antonio Candido). No prólogo à sua tradução da *Ilíada*, Odorico Mendes afirma que para traduzir “bem” é preciso não apenas conhecer a língua do original, mas conhecer a própria “em dobro ou tresdobro”. Na ausência de palavras em português, outro procedimento usado pelo tradutor é o de criar novos vocábulos, “enriquecendo” e forçando a língua a incorporar novos termos. Por isso, na *Advertência* à sua tradução da *Eneida*, ele declara: “adotei algumas palavras do latim e compus não poucas por me parecerem

necessárias na ocasião. De algumas faço menção nas notas; de outras não tratei, por ser óbvio o sentido em que as tomo” (Mendes 1863).

Se, por um lado, esses procedimentos foram criticados por hermetismo, ilegibilidade, “monstruosidade”, por outro, as virtudes desse modo de traduzir levam Haroldo de Campos (2006: 38) a afirmar que Odorico Mendes é o primeiro a propor e a praticar com empenho aquilo que se poderia chamar uma verdadeira teoria da tradução, a ponto de nomeá-lo como o “patriarca da transcrição”, abrindo caminhos para uma poética do traduzir que vai se consolidar no século XX, com os poetas concretos, como o próprio Haroldo.

Outro caso emblemático deste período é o de [Machado de Assis](#) (1839-1908), pois a tradução serviu de atividade “complementar”, mas importante para o contexto da obra própria. Conforme destacado por Massa, em *Machado de Assis tradutor* (2008), o autor carioca começou a traduzir em 1857 e prosseguiu até 1894, ou seja, durante a maior parte de sua carreira. Foram mais de 40 traduções de autores de diferentes línguas, com especial ênfase para textos teatrais franceses. Ademais, a tradução serviu para alimentar a sua produção literária. Machado de Assis utilizou a estratégia “antropofágica ante litteram”, ao incorporar autores e obras da literatura universal na sua própria literatura, pois, como afirma Salomão (2016: 9), não resta dúvida que Machado confrontou-se com diversos modelos do cânone ocidental e realizou uma síntese original a partir de processos mistos de rejeição, desconstrução, adaptação, tradução ou fusão.

Podemos dizer que no século XIX brasileiro, há um projeto em curso, mesmo não orgânico, que acontecia de forma menos sistemática nos outros séculos, semelhante ao conduzido por Schleiermacher na Alemanha, que é o do fortalecimento e enriquecimento da língua e cultura locais pela tradução. Nesse sentido, Coutinho (2002: 4-5), ao afirmar que três grandes movimentos literários, de prosa e poesia, floresceram durante a segunda metade do século XIX, continuando no século XX: o Realismo, o Naturalismo e o Parnasianismo [...] Devem-se encarar o Realismo e o Naturalismo como movimentos específicos do século XIX [...]. O século XIX é um campo onde se cruzam e entrecruzam, avançam e recuam, atuam e reagem umas sobre as outras, ora se prolongando ora opondo-se, diversas correntes estéticas e literárias. [...] Esse fenômeno que é geral, no Brasil torna-se mais corriqueiro, dadas as circunstâncias naturais de sua vida na época, e em virtude do atraso com que sempre repercutem entre nós os movimentos espirituais, e ainda porque as transformações aqui não se realizam organicamente, de dentro para fora, como resultado da própria evolução da consciência nacional, mas como reflexo de idéias-força de origem estrangeira.

Por isso, Wyler (2003: 9) enfatiza o papel central da tradução, pois ela intermediou a transmissão de informações entre as várias culturas autóctones e estrangeiras. Essa mediação ora privilegiou a forma oral, ora a escrita, conforme as limitações sociais, políticas e econômicas a cada período histórico – razões pelas quais a impressão de traduções brasileiras em livros só aconteceu a partir de 1930.

Se as traduções brasileiras em livros só aconteceram a partir de 1930, antes disso tínhamos, como dito acima, livros, mas também jornais, sendo produzidos no exterior. Não por acaso, o primeiro jornal brasileiro, *O Correio Braziliense*, surgido em 1808, era publicado em Londres. E o importante *Jornal do Commercio*, criado no Rio de Janeiro, em 1827, tinha uma forte ascendência do modelo francês.

A fase de permanência da corte portuguesa (1808-1821) e os anos que se seguiram à independência do Brasil (1822) assistiram a um grande crescimento cultural do país, caracterizado, entre outros, pelo surgimento de um grande número de jornais e revistas culturais. E a tradução ocupava um espaço bastante importante nos jornais, como já relatado acima.

A esse respeito, convém destacar que um dos primeiros romances traduzidos e publicados pela Imprensa Régia foi *Paulo e Virgínia*, de Bernardin de Saint-Pierre, folhetim de muito sucesso, e *O conde de Monte Cristo*, de Alexandre Dumas, veiculado pelo *Jornal do Commercio*. Com a intensificação do fluxo migratório no século XIX, muitos jornais, como o *Correio Paulistano*, eram publicados ou tinham seções em outras línguas, como o alemão e o italiano. Segundo Coutinho (2002: 18), através do jornalismo – político ou literário, pela notícia e pela tradução – o incipiente e rarefeito meio cultural brasileiro mantinha-se em contato espiritual com os grandes centros estrangeiros”. Mas essa função foi também preenchida pela tradução, em voga na época, divulgada em livro ou jornal, de literatura de ideias ou de ficção, feita por penas ilustres. Teve influência poderosa na renovação intelectual, pela divulgação que fez da cultura estrangeira, desde que, cessada a proibição lusa à importação intelectual, se abriram livremente as portas às ideias. Assim, os ideais iluministas, enciclopedistas, revolucionários e românticos tiveram livre curso no país, produzindo rapidamente os seus frutos.

Ainda neste século, cabe destacar a figura de tradutoras mulheres. Um caso importante é o de [Nísia Floresta Brasileira Augusta](#) (1810-1885), pseudônimo de Dionísia Gonçalves Pinto, considerada a primeira educadora feminista no Brasil. Ademais, foi atribuída a Nísia Floresta a tradução de um tratado panfletário feminista do século XVIII, *A Vindication of the Rights of Woman: with Strictures on Political and Moral Subjects*, de Mary Wollstonecraft, traduzido “livre” e indiretamente do francês em 1832, com o título [Direitos das Mulheres e Injustiça dos homens](#). Alguns estudiosos afirmam que Nísia Floresta traduziu, na verdade, outro texto, *Mulher não inferior ao homem*, de Sophia



*Nísia Floresta Brasileira Augusta (1810-1885), uma tradutora feminista avant la lettre.*

De acordo com Dépêche (2000), Nísia Floresta é considerada uma tradutora feminista *avant la lettre*, que se utilizou das práticas da tradição francesa, das “belles infidèles”, para traduzir com “infidelidade criativa” o panfleto feminista. Cabe destacar, contudo, que o status de tradução desta obra permanece controverso, entre acusações de plágio e a defesa como tradução “antropofágica” (Duarte 2001) e ainda a demonstração por parte de Pallares-Burke (1996) de que o texto traduzido por Nísia Floresta não é o panfleto de Mary Wollstonecraft. Nísia Floresta também foi autora do texto “Conselhos à minha filha” (1842), traduzido para o italiano pela própria autora, publicado em 1858, em Florença, pela Stamperia Sulle Loggegel Grano. O texto teve uma ótima recepção na Itália, tendo sido adotado como leitura obrigatória em várias escolas do país.

Além de Nísia Floresta, há outras tradutoras no século XIX, pouco conhecidas e esquecidas pela história, que foram responsáveis por divulgar diferentes textos literários em

jornais e revistas, tais como *A mensageira* (revista literária fundada por [Presciliana Duarte de Almeida](#)), que circulou em São Paulo entre os anos de 1897 e 1900; *O Lyrio* e *Jornal da Família*. Pelo levantamento realizado por Maria Eduarda dos Santos Alencar, em *Tradutoras brasileiras dos séculos XIX e XX*, de 2016, vários nomes despontam no século XIX: [Carolina von Koseritz](#), [Violante de Bivar e Velasco](#), [Eugênia Câmara](#), Vicentina de Carvalho, [Beatriz Francisca de Assis Brandão](#), [Corina Coaracy](#), [Virgínia de Castro e Almeida](#), [Amélia Rodrigues](#), [Sílvia Mendes Cajado](#), Anna Euquéria Lopes de Cadaval, [Josephina Álvares de Azevedo](#). Essas mulheres traduziram obras de diferentes línguas, principalmente do francês, inglês, italiano e espanhol

Dos nomes citados acima, vale destacar o de Violante de Bivar e Velasco (1817-1875), que, além de ter sido responsável pela tradução de peças teatrais do francês, italiano e inglês, e de ter publicado um livro com essas traduções, atuou como jornalista e escritora. Ela foi considerada a primeira jornalista brasileira, pois dirigiu, em 1852, o *Jornal das Senhoras*, o primeiro a ser feito por e para mulheres, tendo sido editado de 1852 a 1855. O jornal tinha sessões de moda, música, belas artes, teatro e crítica, além de romances traduzidos (em geral do francês).

[Antônio Gonçalves Dias](#) (1823-1864) representa um dos destaques da poesia romântica brasileira e também um dos mais marcantes tradutores de sua época. Nascido no Maranhão, era filho de pai português e mãe de origem indígena e negra. Estudou Direito em Coimbra e depois trabalhou como professor de latim em Niterói. Escreveu na imprensa e realizou diversas missões oficiais em diversos estados brasileiros e no exterior. Segundo Cassiano Ricardo (Coutinho 2002: 72), Gonçalves Dias desenvolveu um indianismo “originariamente brasileiro”, cultivado nos gêneros dramático, lírico e épico. Era regularmente citado por Jorge Luis Borges, que sabia de cor a sua emblemática “Canção do Exílio”. Gonçalves Dias traduziu do alemão (Herder, Heine, Schiller), do francês (Victor Hugo, Vigny), do italiano (Dante) e do espanhol (Lope de Vega).

Um personagem ilustre da história do Brasil que atuou como tradutor foi o imperador [D. Pedro II](#) (1825-1891), pois além de ter sido um patrocinador das artes, literaturas e da ciência, era um conhecedor de diferentes idiomas, como o árabe (D. Pedro II traduziu parcialmente e direto do árabe *As mil e uma noites*), sânscrito, hebraico, siríaco, grego, latim, francês, além de línguas indígenas como o tupi e o guarani, o que indica sua valorização da heterogeneidade e da diversidade que se encontrava dentro e fora do seu próprio país. Aliás, D. Pedro II incentivou o uso da língua tupi nas escolas. No quesito traduções, D. Pedro II verteu poemas e textos religiosos da tradição judaica e da católica, e traduziu diferentes autores, mais e menos conhecidos: de Ésquilo a Dante, passando por Victor Hugo, Longfellow, Manzoni e outros. D. Pedro II transitava entre as línguas, não apenas traduzindo um texto de língua estrangeira para o português, mas também do português para outras línguas e ainda entre línguas estrangeiras, como do hebraico para o latim (Martins e Oliveira 2010). Ao traduzir, D. Pedro II procurou enriquecer as letras nacionais, e também colaborou de maneira ativa para promover o país no cenário internacional, principalmente via França, que era a capital cultural e literária do mundo ocidental, como comprovam as suas cartas e passagens de seus diários.

No âmbito musical, um gênero bastante traduzido e difundido é o de óperas. Convém destacar que esse gênero, em sua forma “rudimentar”, já circulava no país desde o século XVI, com as manifestações de teatro e música, intensificando-se nos séculos XVII e XVIII, pelo consumo que Portugal fazia da tradição italiana. A importação de Portugal de compositores italianos se faz sentir no Brasil. De acordo com Brito (1998: 1074), a ópera italiana exerceu uma decisiva influência no

teatro português do século XVIII. Existiram muitas traduções e adaptações de libretos, particularmente os de Metastasio, por vezes montados como dramas falados. Performances deste tipo estão também documentadas nas províncias portuguesas, na Ilha da Madeira e no Brasil colonial.

Mas é no século XIX, com a fundação de teatros e com a efervescência da vida social e das atividades culturais, que o consumo de óperas chega ao seu ápice, com obras dramáticas musicais sendo traduzidas do italiano, alemão, espanhol e francês, colaborando para termos óperas escritas por compositores brasileiros e “contaminando” outras manifestações como a música sacra, a *modinha* e a música instrumental (Brandão 2012).

Um dos principais nomes de ópera no cenário brasileiro é Carlos Gomes (1836-1896), que criou uma obra própria a partir do influxo dos padrões italianos. Antonio Candido (2004: 44) afirma que o nacionalismo literário da época se completava pela música, que absorvia as normas europeias, para dar visibilidade ao desejo de exprimir os nossos aspectos considerados mais originais. Fazendo música romântica de tipo italiano para assunto indígena, Carlos Gomes valeu-se do direito de usar, em qualquer país de cultura ocidental, as linguagens que permitem a comunicação entre os que dela participam.

Nesse período, intensifica-se a circulação de intelectuais ligados à editoria. Com o fim da censura e com o fim do monopólio da Typographia Nacional, muitas tipografias de propriedade privada começaram a operar no Brasil, como a Nova Officina Typographica, e a Typographia de Moreira e Garcez. Essa nova política atrai editores estrangeiros, principalmente franceses. É o caso de Pierre René François Plancher de la Noé, que trouxe para o Brasil as novas técnicas de impressão francesa, modificando a estética do livro, e Junius Villeneuve, que foi um dos responsáveis pela modernização da indústria gráfica brasileira. Outros importantes editores foram José Carlos Rodrigues, Louis Mongie e Francisco de Paula Brito, um dos mais importantes nomes da história do mercado editorial brasileiro, que, além de ser tipógrafo, editor e livreiro, foi também tradutor. Outra importante tipografia foi a de Baptiste Louis Garnier, que funcionou entre 1844 e 1943. Essa editora publicou muitos autores brasileiros, como Machado de Assis, e também tinha um importante programa de traduções literárias (Hallewell 2012).

O século XIX também foi marcado por uma forte onda de novas migrações, o que estimulou a tradução. A abertura oficial do país, a concessão de terras a estrangeiros, os problemas econômicos em outros países, entre outros, fizeram o Brasil receber novos fluxos de europeus e asiáticos. Já não eram apenas portugueses, ingleses, franceses e holandeses que vieram em maior número no período colonial, e os africanos, que foram trazidos como escravos e que continuaram chegando até o século XIX (só em 1850 decretou-se a proibição do tráfico, e o Brasil foi o último país ocidental a abolir a escravidão), mas suíços, alemães, irlandeses, italianos, japoneses que chegam para trabalhar nas lavouras de café, em particular, e na agricultura, em geral. Essas novas populações traziam a sua língua e as suas tradições culturais e a tradução foi um instrumento para ajudar na adaptação e na aculturação aos costumes locais, os quais também se modificaram com a chegada de novas culturas. Talvez por isso Schwarcz e Starling (2015) afirmem que “De tanto misturar cores e costumes, fizemos da mestiçagem uma espécie de representação nacional. De um lado, a mistura se consolidou a partir de práticas violentas, da entrada forçada de povos, culturas e experiências na realidade nacional. [...] De outro lado, no entanto, é inegável que essa mesma mescla, sem igual, gerou uma sociedade definida por uniões, ritmos, ares, esportes, aromas,

culinárias e literaturas mistas. Talvez por isso a alma do Brasil seja crivada de cores. Nossos vários rostos, nossas diferenciadas feições, nossas muitas maneiras de pensar e sentir o país comprovam a mescla profunda que deu origem a novas culturas, porque híbridas de tantas experiências. Diversidade cultural, expressa no sentido único do termo, é quiçá uma das grandes realidades do país, totalmente marcado e condicionado pela separação mas também pela mistura que resulta desse processo longo de mestiçagem. Construída na fronteira, a alma mestiça do Brasil — resultado de uma mistura original entre ameríndios, africanos e europeus —, é efeito de práticas discriminatórias já centenárias, mas que, ao mesmo tempo, “levam à criação de novas saídas” (Schwarcz & Starling 2015: 19-20).

Como destaca Coutinho (2002: 5-6), o século XIX ocupa uma época cultural da maior relevância no Brasil [...]. Por circunstâncias históricas, nacionais e internacionais, coincidindo com o advento da civilização burguesa, democrática, industrial e mecânica, e com a nova penetração da ciência no mundo das idéias e da prática por meio da biologia, os valores que a rerepresentam produziram um impacto tão grande no espírito ocidental, que o dominaram quase por completo [...] O sistema de ideias e normas que caracterizou aquela época exerceu tal influência no Brasil dos fins do século XIX e começos do XX, que a sua marca até hoje ainda se faz notar em muitos espíritos.

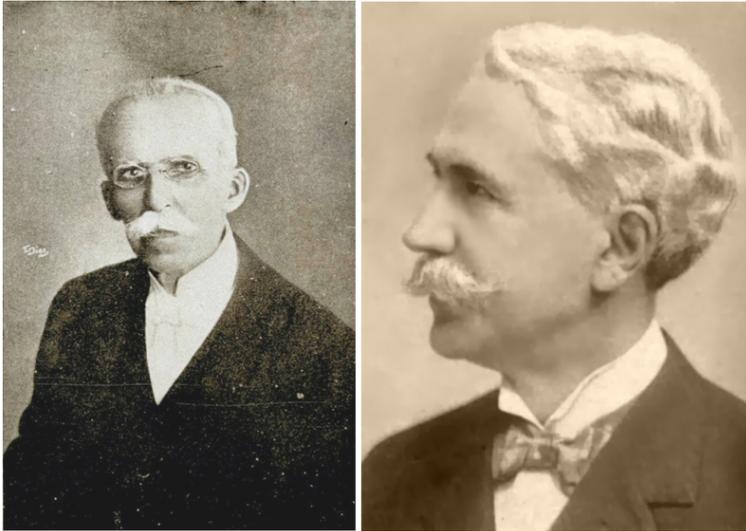
[back to top](#)

## ¶ República (1889 até o presente)

No limiar entre o século XIX e XX, temos “duas das mais altas figuras da vida cultural e política brasileira” (Viana Filho 2002: 183), Joaquim Nabuco (1849-1910) e Rui Barbosa (1849-1923). O primeiro foi fortemente marcado pela cultura e por escritores franceses, tendo participado ativamente da fundação e organização da [Academia Brasileira de Letras](#), e transitou como jornalista, político e embaixador por diferentes contextos estrangeiros, como Estados Unidos, Inglaterra e Itália. Já Rui Barbosa (1849-1923), que tem uma obra variada e vastíssima, foi Presidente da Academia Brasileira de Letras, usou a tradução para alimentar diversos setores, da literatura à educação, importando autores e obras que foram incorporados ao sistema cultural brasileiro. Para efeito ilustrativo, Rui Barbosa traduz, por exemplo, um manual inglês de ensino elementar, *Primeiras Lições de Coisas. Manual de Ensino Elementar para uso de paes e professores*, de N. A. Calkins, publicado em 1886, pela Imprensa Nacional, do Rio de Janeiro. Já na “ficha catalográfica”, constatamos um cuidado em relação ao texto traduzido, quando vemos a informação da edição usada e a informação de que a tradução foi “adaptada as condições do nosso idioma e paizes que o fallam pelo conselheiro Ruy Barbosa” (Barbosa 1886: 4).

Nesse livro, há um preâmbulo do tradutor Rui Barbosa, que explicita o conteúdo da obra e a sua importância para melhorar o ensino no Brasil e, na sequência, fala sobre a sua tradução. Diz ele:

**O livro portuguez é em parte um trabalho de traducção, nem sempre facil, em parte um melindroso e**



*Ruy Barbosa (1849-1923) e Joaquim Nabuco (1849-1910), duas das mais importantes figuras da vida cultural brasileiro na virada do século XX.*

**difficultosíssimo** trabalho de adaptação. Na tradução fugi, onde convinha, a subserviência literal, para ser fiel ao pensamento do texto. Muitas vezes, quando a reflexão me deparava um equivalente preferível, não duvidei adoptá-lo, sempre com as devidas precauções, para evitar uma dissonância em relação ao espírito ou á letra do original (Barbosa 1886: xiv).

Depois, fala da intraduzibilidade e de adaptações de alguns conteúdos tratados no livro, que ele atribui às diferenças e especificidades de cada língua, como o dos sons e o sistema de medidas. Finaliza o seu prólogo, deixando ao leitor a tarefa de julgar a sua tradução, afirmando que o seu intento [foi] de respeitar a harmonia do todo, e guardar estricte fidelidade ao genio do methodo que este livro me parece talhado para inaugurar entre nós. Com o signal [ ] indiquei, nalgumas partes, o que me pertence; noutras o declarei em nota; e, em pontos de ordem mais accessoria, tive por ociosa essa discriminação (Barbosa 1886: xv).

Ao traduzir esse tipo de texto, Rui Barbosa coloca em pauta a necessidade de se trazer para o sistema cultural brasileiro obras que possam contribuir para expandir, fortalecer e renovar a educação no país.

Outros nomes importantes dessa transição entre os dois séculos é o de Euclides da Cunha (1866-1909) e o de Lima Barreto (1881-1922), que foram, pode-se dizer, “tradutores intralinguísticos” do Brasil, pois com suas obras, em especial *Os Sertões*, do primeiro, e *Triste Fim de Policarpo Quaresma* e *Os Bruzundangas*, do segundo, souberam ressignificar aspectos do que é o “Brasil”. Contudo, há outros autores do período, como Augusto dos Anjos (1884-1914), que produz uma obra com marcas estrangeiras evidentes nas suas temáticas, e porque “a influência de Baudelaire em seus temas é tão evidente que desnecessário se torna qualquer exemplificação” (Damasceno 2002: 606). Augusto dos Anjos também trouxe para a poesia nacional inúmeros termos científicos, em geral, traduções de termos formulados primeiro em línguas estrangeiras.

Como vimos até o momento, a história do Brasil, nos seus mais diferentes setores (de textos literários a manuais diversos, de agricultura aos escolares), está intimamente ligada à tradução, fazendo do país um dos maiores importadores de conhecimento, a ponto de Wyler (2003: 9-10) afirmar que no Brasil: 80% dos livros de prosa, poesia e referência, bem como manuais e catálogos, são traduzidos. O percentual de 80% demonstra também que no Brasil, ao contrário do que ocorre nos Estados Unidos e na Inglaterra, contam-se aos milhares os tradutores que transpõem para o português não apenas livros, mas todo o tipo de informações dos países mais desenvolvidos, informações que irão alimentar os vários setores da vida nacional, particularmente os de produção, reprodução e comunicação do saber.

Os diferentes graus de contato com autores estrangeiros, que serão lidos, adaptados e traduzidos, alimentaram a produção nacional nos mais diferentes setores. Não causa estranheza se o início do século XX levou intelectuais ao resgate de certas tradições, de “traduções”, releituras e reinterpretações que culminaram no movimento modernista de 1922. Em diálogo com as vanguardas europeias, sobretudo da França e da Itália, o movimento modernista, segundo Bosi (1997: 391) foi um terreno fértil para aventuras experimentais tanto no terreno poético como no da ficção que se inserem na complexa história das invenções formais da literatura europeia.

O emblemático *Manifesto Futurista* de Marinetti, publicado em 05 de fevereiro de 1909 na Itália e em 20 de fevereiro de 1909 em Paris, foi traduzido parcialmente para o português em 05 de junho de 1909, no jornal *A República de Natal*, com a provável autoria de Manuel Dantas, diretor do jornal. A segunda tradução, integral, em Salvador, apareceu no *Jornal de Notícias*, em 30 de dezembro de 1909, por Almachio Diniz.

A tradução desse manifesto intermediou, pode-se dizer, as relações entre o futurismo e o modernismo brasileiro, em que se destaca a figura de Oswald de Andrade (1890-1954), que teve intenso contato com as vanguardas europeias e que foi autor de dois importantes manifestos: o *Manifesto Pau-Brasil*, de 1924, que exalta a produção nacional, e a necessidade de ser exportada e o *Manifesto antropófago*, de 1928, que defende a “deglutição” do estrangeiro, eliminando o que não serve para incorporar às atividades artísticas, literárias, culturais, criando assim algo novo. A antropofagia é um conceito que pode ser lido à luz da antropologia, da literatura e da filosofia e está presente nas nossas origens pré-coloniais e vai se enraizando ao longo da história do Brasil. Por isso, talvez, de maneira radical, Oswald de Andrade, no seu manifesto, afirma: “Só a ANTROPOFAGIA nos une. Socialmente. Economicamente. Filosoficamente. Única lei do mundo. (...) Só me interessa o que não é meu. Lei do homem. Lei do antropófago” (Andrade 1990: 23).

Esse processo de “devoração” do que não é seu, do estranho, do estrangeiro, do outro, para digerir-lo, assimilá-lo, e devolvê-lo sob uma nova forma, está na base da tradução, em geral, e da história da tradução no Brasil, em particular. O movimento modernista sacudiu diferentes setores da cultura nacional e um dos setores está ligado à impressão de traduções brasileiras em livros a partir de 1930. De fato, os anos entre 1930 e 1940 são considerados a “Idade de Ouro” da indústria do livro e da tradução no Brasil.

Por isso, cabe ressaltar que, no campo editorial, temos a Companhia Editora Nacional (São Paulo e Rio de Janeiro), a Editora Globo (Porto Alegre), a Editora José Olympio (Rio de Janeiro), a Editora Francisco Alves (Rio de Janeiro), a Editora Melhoramentos (São Paulo) e a Livraria Martins (São Paulo), assim como a pioneira Companhia Gráfica Editora Monteiro Lobato, que faliu em 1925. As editoras que tinham em seus catálogos coleções de obras traduzidas eram a Companhia Editora Nacional, a Editora Globo, a Editora José Olympio e a Livraria Martins.

Ainda no período do *boom* editorial brasileiro, que alguns estendem, até a década de 1950, temos a publicação de muitas coleções, muitas delas dedicadas a temas brasileiros, como a “Biblioteca Pedagógica Brasileira”, a “Brasílica”, “Grandes Livros do Brasil”, “Biblioteca Médica Brasileira”, publicadas pela Companhia Editora Nacional, ou “Os Grandes Livros Brasileiros”, da José Olympio. Algumas dessas coleções foram publicadas com séries de textos traduzidos, como a “Paratodos”, “Terramarear”, “Biblioteca das Moças”, todas da Companhia Editora Nacional. A editora José Olympio publicou as coleções “Documentos Brasileiros” e “Os Grandes Livros Brasileiros” junto com

outras séries como a “Rubáiyát, Joias da Poesia Universal” ou “Fogos Cruzados”, ambas compostas principalmente por textos traduzidos. A editora Martins lançou as coleções “Biblioteca Histórica Brasileira” e “Biblioteca de Literatura Brasileira” ao lado de uma coleção com o rótulo “Excelsior”, a maioria contendo livros traduzidos. A editora Saraiva, especializada em livros jurídicos, desde 1948, também investiu nos clássicos nacionais e estrangeiros. Uma das mais importantes no quesito traduções foi a Editora Globo, de Porto Alegre, que, de 1931 a 1956, publicou uma quantidade considerável de ficção traduzida, especialmente de língua inglesa. A Coleção Amarela e a Coleção Nobel, publicadas entre 1933 e 1958, incluíram autores de diferentes nacionalidades (Milton, 2003). Um dos maiores sucessos comerciais foi *Em Busca do Tempo Perdido*, de Marcel Proust, publicado pela Editora Globo. A edição de maior prestígio foi a *Comédia Humana*, de Balzac, organizada pelo húngaro de nascimento, [Paulo Rónai](#) (1907-1992), que foi publicada entre 1945 e 1959, em dezessete volumes, e contou com um equipe de mais de vinte e sete tradutores, entre eles grandes escritores como Mário Quintana, Manuel Bandeira e Carlos Drummond de Andrade.

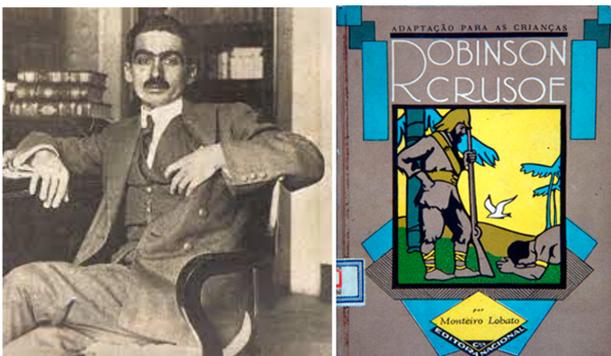
Cabe destacar que Paulo Rónai também coordenou e traduziu, junto com Aurélio Buarque de Holanda Ferreira, a coleção de contos traduzidos de vários países, intitulada *Mar de Histórias* (Antologia do conto mundial). De 1945 a 1963, a editora José Olympio publicou 04 volumes de contos das mais diferentes nacionalidades que foram reeditados de maneira parcial por outras editoras.

No tocante às coleções, uma das mais importantes no cenário nacional na primeira metade do século 20, segundo Carneiro (2008), foi a Coleção Brasileira, da Companhia Editora Nacional, criada em 1931. Com o objetivo de publicar textos com temáticas “brasileiras”, os livros traduzidos apresentavam temáticas de algum modo relacionadas ao Brasil. Cristina Rodrigues Carneiro destaca o fato dessa Coleção apresentar elementos de valorização do tradutor, como a presença do seu nome na capa, ou na página de rosto, e espaço para notas e prefácios. A Coleção publicou textos traduzidos do inglês, francês e alemão. O autor mais traduzido, de acordo com o levantamento de Carneiro, foi o do viajante e botânico francês Auguste de Saint-Hilaire (1779-1853), que escreveu o importante livro *Voyages dans l'intérieur du Brésil*, em tomos, publicados entre 1830 e 1851 na França, com relatos descrevendo fauna, flora e costumes brasileiros. Os livros da Coleção apresentam temáticas variadas, nas áreas de história, antropologia, memórias e viagens, este último em maior número. Os relatos de viagem, conforme Wyler (2003), foram publicados em outras editoras como a Livraria Martins, que criou, na década de 1940, uma coleção dedicada ao assunto e que, até 1952, editou 19 títulos traduzidos por escritores-tradutores, como Sérgio Milliet e Sérgio Buarque de Holanda.

Uma figura de destaque na cultura nacional, ligado à editoria, literatura e tradução, é Monteiro Lobato (1882-1948). Esse autor/editor/tradutor talvez tenha sido a figura central no crescimento da indústria do livro no Brasil, com uma editora que tinha como política desenvolver um mercado de massa para ampliar o consumo de livros, pois ele acreditava que isso ajudaria no desenvolvimento do país. Até Lobato, a maior parte das publicações estava nas mãos de empresas portuguesas ou francesas, e o mercado-alvo era a elite. Em 1920, mais da metade de todas as obras literárias publicadas no Brasil foram realizadas pela Monteiro Lobato e Cia. Em 1941, um quarto de todos os livros publicados no Brasil foram produzidos pela Companhia Editora Nacional de Lobato, fundada após a falência da Monteiro Lobato e Cia. Lobato criou pontos de venda, inovou na apresentação

visual do livro, com capas mais atraentes. Esteve também aberto para as literaturas dos mais diferentes países. Na realidade, Monteiro Lobato foi um dos responsáveis por um movimento de importação de obras escritas em inglês, o que ajudou a tornar o inglês o principal idioma estrangeiro estudado e falado no Brasil depois da Segunda Guerra Mundial. Ademais, Lobato se destacou por valorizar a cultura e o folclore locais, e por ampliar a literatura infanto-juvenil no país, tendo ele mesmo adaptado e “domesticado” textos da literatura estrangeira para o público infanto-juvenil, usando uma linguagem mais simples e coloquial, para ser rapidamente compreendida público leitor.

A Lobato foram atribuídas inúmeras traduções, como, por exemplo, de obras de Truslow James Adams, Hans Christian Andersen, Scholen Asch, Carlo Collodi, Alexandre Dumas, Conan Doyle, Daniel Defoe, Conan Doyle. H. G. Wells, Lewis Carroll, Will Durant, Mark Twain, Rudyard Kipling , os irmãos Grimm, Ernest Hemingway, Jack London, Charles Perrault, Jonathan Swift. Em sua vasta obra autoral, encontram-se muitas referências a autores de obras estrangeiras, o que leva a acreditar que, de algum modo, Lobato opera de modo antropofágico, incorporando e adaptando elementos estrangeiros em suas próprias narrativas. O nome de Monteiro Lobato também está diretamente associado ao gênero infanto-juvenil, que no Brasil começa a aparecer nos livros didáticos, em traduções (Almeida 2003: 207) e muitas adaptações de livros da literatura mundial para o público infantil. Lobato colabora intensamente para importar um “gênero” literário, transformando-o e incorporando-o às suas narrativas



*Monteiro Lobato (1882-1948) e uma de suas traduções, publicadas por sua editora.*

Mais tarde, outros escritores também se dedicaram ao gênero infanto-juvenil, através de adaptações de obras estrangeiras e de estórias do folclore mundial, como [Alberto Figueiredo Pimentel](#) (1867-1914), com os *Contos da Carochinha*. Um livro italiano que fez sucesso entre esse público, foi *Coração*, de Amicis, traduzido por João Ribeiro. Outro foi *Pinocchio*, de Collodi, com muitas adaptações e traduções.

Em torno do livro infanto-juvenil, criou-se um verdadeiro “mercado”. Em 1915, Arnaldo de Oliveira Barreto (1869-1925) cria, em São Paulo, editada por Weisflog Irmãos, a Biblioteca Infantil, com muitos livros adaptados da literatura mundial. Os “subgêneros” da literatura infanto-juvenil, como os de viagem, teatro infantil, literatura religiosa, se retroalimentaram das inúmeras traduções e adaptações feitas especialmente para esse setor. Muitas coleções foram criadas com esse propósito, como *O tesouro da juventude* (Ed. Jackson), em 18 volumes; *O mundo da criança* (Ed. Delta), em 15 volumes, e *O mundo pitoresco* (Ed. Jackson), em 15 volumes (Almeida 2003: 216). Outro importante setor, sempre relacionado ao público infanto-juvenil, que cresceu graças à tradução, é o da divulgação científica, ou dos livros de ensino, que foram usados para fins didáticos. O mundo das adaptações ganha também com os livros em quadrinhos, ou HQs, e ainda as adaptações cinematográficos dos clássicos infantis pela Walt Disney. A literatura infanto-juvenil foi divulgada em revistas e jornais, quase sempre em quadrinhos e em geral traduzidas (Almeida 2003: 219). Vários autores brasileiros contribuíram para a difusão do gênero, traduzindo e adaptando estórias, como Guilherme de Almeida, Cecília Meirelles, Erico Verissimo e outros.

Outro nome, ligado ao movimento modernista, que também se dedicou à tradução é Manuel Bandeira (1886-1968). Embora tenha exercido essa atividade “por dever do ofício”, como declarou, fez da atividade tradutória um seu laboratório criativo, pois como afirma Bosi (1997: 409), Bandeira era capaz de compor em todos os ritmos e de traduzir com igual maestria Shakespeare e Hölderlin, Rilke e García Lorca, tendo convivido com o melhor do que lhe poderia dar a literatura de todos os tempos e países. Paes (1990: 85) observa que a oficina de tradutor de poesia de Bandeira não difere substancialmente da oficina de poeta e que ambas estariam alicerçadas na “intuição criadora” e na “máquina secreta da subconsciência”. Como esteve mais ligado à poesia, Bandeira apresenta uma sua antologia de poemas traduzidos, cuja primeira edição comercial é publicada pela Editora Globo, em 1948. Nessa antologia, Bandeira escolhe autores de diferentes nacionalidades e tradições, de São Francisco de Assis, passando por Goethe, Bashô, Lorca, Heine, Paul Éluard, Dickinson, Sórora Juana Inés de La Cruz, Rainer Maria Rilke, Elisabeth Bishop, Borges. Bandeira elege as suas afinidades literárias porque, conforme ele próprio declara, “só traduzo bem os poemas que gostaria de ter feito, isto é, os que exprimem coisas que já estavam em mim, mas informadas” e essas traduções se deram “por necessidade de expressão própria” (Bandeira 1966: 125). Com essas declarações, ele parece indicar o uso de procedimentos antropofágicos da tradução de um texto alheio para a sua criação autoral. Outro aspecto defendido por Bandeira é o princípio da tradução como recriação: “A tradução de um poema é, afinal de contas, uma recriação. Assim que ela só é total e perfeita quando sai fiel ao poeta traduzido e fiel ao poeta tradutor” (1978: 229) ou ainda “o poeta-tradutor pode achar em outra língua a mesma virtude musical em outra combinação de palavras” (Bandeira 1978: 293). As traduções de Bandeira, por vezes, se fundem com os poemas autorais como sugerido por Paes em *Tradução a ponte necessária* (1990: 59). Bandeira não desenvolveu exatamente uma teoria de tradução, mas as suas reflexões esparsas sobre o assunto, especialmente sobre tradução de poesia, antecedem parte das formulações sobre (trans)criação defendidas por Augusto e Haroldo de Campos.

Entre os escritores nacionais que se destacaram como tradutores, se encontra Guilherme de Almeida (1890-1969). Um dos promotores da Semana de Arte Moderna, foi jornalista e escritor, e atuou ativamente como tradutor de autores como Sófocles, Baudelaire, Paul Verlaine, Villon, Oscar Wilde, Wilhelm Busch, Andersen. Guilherme de Almeida publica suas traduções de poesia em edições bilíngues, operando, segundo Guimarães (2010), uma “mudança da noção de tradução”, quer na relação do leitor com a tradução, quer no “lugar que a tradução ocupa, ou seja, ela não se encontra fundida à obra do poeta”. É de Guilherme de Almeida a metáfora da tradução como transfusão, o que remete à “re-criação”. A transfusão, nas palavras do autor, era “a revivificação de um organismo pela infiltração de um sangue alheio, mas de ‘tipo’ igual” (1944: 98). Assim, ele concebe a tradução como “re-produção”. No prefácio ao livro *Poetas de França*, de 1936, ele afirma “Ora, traduzir, nesse caso, seria antes “reproduzir”. “Reproduzir” no sentido autêntico, primitivo do termo: “re”-produzir, quer dizer, produzir de novo, ou seja, sentir, pensar e dizer como o autor e com o autor” (1965: 20). Guilherme de Almeida antecipa de certa maneira as concepções sobre tradução que serão potencializadas pelos irmãos Augusto e Haroldo de Campos.

Na linha de escritores tradutores, destacamos Erico Verissimo (1905-1975). Além de suas obras próprias, traduziu vários autores, entre eles Aldous Huxley e Katherine Mansfield, para a Editora Globo, onde também atuou como consultor literário e revisor. Erico Verissimo foi fortemente influenciado por Katherine Mansfield, a ponto de declarar (1973) ter se inspirado em Mansfield e Francis Jammes para compor *Clarissa* (1933), seu primeiro romance. Verissimo utiliza

procedimentos de autores que traduziu, como a técnica do contraponto criada por Aldous Huxley. Arbex (2013: 52) destaca que, na visão de Verissimo, [...], o trabalho do tradutor requer: o conhecimento simbólico e cultural do universo do autor; o conhecimento histórico biográfico; a ampla leitura da obra do autor traduzido; a leitura de obras que dialogam com o autor traduzido; a descoberta do diálogo da obra literária com outras formas de arte.

Outro escritor brasileiro, poliglota, membro da Academia Brasileira de Letras, Guimarães Rosa (1908-1967), autor do livros de contos *Sagarana* (1946) e do romance *Grande Sertão: Veredas* (1952), que traduzem as entranhas do Brasil, deve ser aqui citado pela intensa correspondência que trocou com os seus tradutores como Edoardo Bizzarri, Harriet de Onís, Curt Meyer-Clason, J. J. Villard, Angel Crespo, com o objetivo de acompanhar as etapas do processo tradutório, demonstrando interesse e preocupação com o resultado final, porque sabia que isso contribuiria para a forma como a sua imagem seria avaliada no exterior. O diálogo com os tradutores foi tão intenso que é possível afirmar que Rosa atuou como uma espécie de cotradutor da própria obra. Em uma carta de 28 de outubro de 1963, a Bizzarri, ele afirma “[...] Você não é apenas um tradutor. Somos ‘sócios’, isto sim, e a invenção e criação devem ser constantes” (2003a: 51). Em outras ocasiões, ele elogia as traduções e sugere que a tradução pode melhorar o “original” e pode ajudar a compreender melhor a sua obra. Nesse sentido, em uma carta a Edoardo Bizzarri, de 11 de outubro de 1963, Rosa diz: “Já me vejo enfim vantajosamente traduzido. Sem piada, mas sincero: quem quiser realmente ler e entender G. Rosa, depois, terá de ir às edições italianas” (2003: 37). Com o farto material da troca epistolar, temos uma valiosa discussão sobre aspectos da escrita criativa de Rosa, como as inovações linguísticas, a questão da oralidade, da sintaxe, e também sobre os desafios da tradução. Nesse diálogo, Guimarães Rosa atua como crítico, teórico e historiador da tradução. Ademais, é possível extrair questões relacionadas ao seu processo criativo, às nuances de sua particular escrita, e de suas concepções sobre tradução. Assim, consciente da inventividade das suas narrativas e dos desafios para “transportar” a sua literatura para outros idiomas, Guimarães Rosa propõe nas cartas trocadas com o tradutor alemão, Curt Meyer-Clason e com o tradutor italiano, Edoardo Bizzarri, que eles sejam autônomos e não se prendam ao “original”. Pede que se sintam livres para adaptar, reescrever, ou procurar uma solução mista entre o texto/cultura de partida e o de chegada, que possam recriar a linguagem artisticamente elaborada, muitas vezes incompreensível até mesmo para um leitor brasileiro. Em algumas cartas, Rosa diz que, em alguns casos, é necessário recorrer a uma solução mista, em outros, “traduzadaptar-se” (2003a: 39) e, ao tradutor italiano, “Quanto mais à vontade V. inventar, mais me alegrará” (2003a: 43) ou “[...] Você pode ter mais liberdade. Para acentuar mais, o que achar necessário. Para omitir o que, numa tradução, venha a se mostrar inútil excrescência. Para deixar de lado o que for intraduzível, ou resumir, depurar, concentrar” (2003a: 95). Já ao tradutor alemão, Guimarães Rosa indica, quando necessário, a tradução *ipsis verbis*: “Parece absurdo, mas é uma solução poética” (2003b: 257). Esses são alguns dos exemplos que ilustram o modo como Guimarães Rosa dialogava com os tradutores e ilustram as suas concepções sobre o fazer tradutório.

Das escritoras-tradutoras, uma das pioneiras da literatura feminina no Brasil, temos Cecília Meireles (1901-1964). Conhecedora de diferentes línguas, como inglês, francês, italiano, espanhol, alemão, russo, hebraico e línguas do grupo indo-iraniano” foi responsável pela tradução de várias obras de Federico García Lorca a Virginia Woolf, bem como de antologias de poesia hebraica e chinesa.

Cecilia Meirelles recebeu dois prêmios por suas traduções, “Prêmio de Tradução de Obras Teatrais” (1962) e o “Prêmio Jabuti de Tradução de Obra Literária” pelo livro *Poesia de Israel* (1963).

Rachel de Queiroz (1910-2003), importante escritora brasileira, autora de *O Quinze*, que a projetou nacionalmente, foi a primeira mulher a ocupar uma cadeira na Academia Brasileira de Letras. Parte de sua vida literária foi dedicada à tradução. Foram mais de 60 traduções entre os anos de 1940 e 1972, de autores franceses, como Alexandre Dumas e Balzac a russos como Dostoiévski e Tolstói, mas também ingleses, como Stevenson, Jane Austen e Emily Brontë. Oliveira e & Oliveira (2008), destacam “a contribuição de Rachel de Queiroz para a sedimentação do inglês como o principal idioma de tradução no contexto brasileiro” e por utilizarem alternadamente procedimentos estrangeirizantes e domesticadores em seus textos traduzidos.

Clarice Lispector (1920-1977), autora brasileira nascida na Ucrânia, que veio para o Brasil ainda pequena, se consagrou nacional e internacionalmente a partir das suas obras escritas em português. Além da ampla produção, Clarice também atuou como tradutora de mais de 46 obras de diferentes línguas e de gêneros diversificados. Traduziu, entre outros, Agatha Christie, Edgar Allan Poe, Oscar Wilde, Jack London, Henry Fielding. Alguns estudos, como os de Nolasco (2008), sugerem que as traduções realizadas por Clarice Lispector inspiraram suas obras autorais. Clarice Lispector também refletiu sobre o processo tradutório. Em uma de suas crônicas, “Traduzir procurando não trair”, publicada na *Revista Jóia* em maio de 1968, ao falar sobre a tradução de uma peça teatral, ela destaca “o trabalho de minúcias que dá traduzir uma peça” e ainda que quem traduz “pode correr o risco de não parar nunca: quanto mais se revê, mais se tem que mexer e remexer nos diálogos. Sem falar na necessária fidelidade ao texto do autor, enquanto ao mesmo tempo há a língua portuguesa que não traduz facilmente certas expressões americanas típicas, o que exige uma adaptação mais livre” (2018: 105). Os desafios e as dificuldades de se traduzir também estavam ligados à entonação, ritmo, e o efeito na leitura em voz alta, pois a questão da sonoridade do texto traduzido era um dos aspectos que mais preocupava Clarice Lispector.

Um movimento importante na história literária é o da poesia concreta, que se impôs, de acordo com Bosi (1997: 351), a partir de 1956, como a expressão mais viva e atuante da nossa vanguarda estética. Esse movimento tinha como integrantes Haroldo e Augusto de Campos e Décio Pignatari, os quais estavam fortemente ligados às vanguardas europeias como o Futurismo, italiano e russo, o dadaísmo e o surrealismo. Alguns dos autores estrangeiros dissecados, assimilados e “traduzidos” pelo grupo eram Mallarmé, Maiakóvski, Marinetti, Apollinaire, Soffici, Pound, Joyce, Gertrude Stein.

Os exemplos acima, de tradutore(a)s-escreto(a)s, e o diálogo constante com movimentos culturais internacionais reforça o fato de quanto a tradução esteve diretamente ligada à produção literária e o quanto a tradução alimentou a criação literária nacional. Contudo, não foi apenas na cena literária que esse intenso contato se deu. Há outros setores, em que a tradução desempenha um papel importante, como é o caso das áreas técnicas, científicas e educacionais. Depois do golpe militar que ocorreu no país, em 1964, houve um aumento do uso de livros americanos traduzidos no sistema escolar brasileiro. Se os séculos anteriores foram marcados pela grande influência dos europeus, o século XX será marcado pela influência americana, embora a presença europeia tenha se mantido em vários setores. Houve também uma progressiva abertura a outras línguas e culturas, que será ampliada no século XXI.

No século XX, temos uma intensificação de elaborações e reflexões sobre tradução, identificados em diferentes paratextos como evidenciado por Martins & Guerini (2018), e que culmina com as teorizações de [Haroldo de Campos](#) e [Augusto de Campos](#). Wyler (2003) observa que entre os primeiros a refletir sobre o ofício de traduzir em nosso país estão Paulo Rónai em *Escola de tradutores*, de 1952 e Brenno Silveira, com *A arte de traduzir*, de 1954.



[Haroldo de Campos](#) (1929-2003) e [Augusto de Campos](#) (1931), idealizadores da *Poesia Concreta* e tradutores inovadores.

Dos nomes citados acima, cabe destacar as reflexões dos irmãos Campos (Haroldo e Augusto) sobre o assunto, que ganharam fama internacionalmente pela construção e reelaboração da poética da transcrição, que remete ao conceito de “tradução criativa”. Haroldo de Campos, pelo número significativo de textos que publicou sobre o assunto, pode ser considerado o “maior pensador de tradução poética” (Tápia e Nóbrega, 2013). Haroldo de Campos concebe a tradução como uma atividade criativa e crítica, e essa formulação se encontra no ensaio seminal intitulado “Da tradução como criação e como crítica”, publicado em 1962, e em “A tradução como instituição cultural”, de 1997, em que Haroldo sintetiza os principais aspectos da sua poética da tradução. Nesse texto, ele retoma o prefácio do seu livro *A Operação do Texto*, em que diz “passei a considerar a tradução simultaneamente como “transcrição” e como “transculturização”, já que ‘não só o texto, mas a série cultural (o extratexto, Lotman) se transtextualizam no imbricar-se subitâneo de tempos e espaços literários diversos” (2013: 208-9).

No século XXI, outros tradutores, escritores, críticos e pesquisadores, como Boris Schnaiderman, Paulo Henrique Britto e Álvaro Faleiros se debruçaram a estudar aspectos da tradução de prosa, mas principalmente, de poesia.

[Boris Schnaiderman](#) (1917-2016) destacou-se no cenário cultural brasileiro, não só por suas traduções, mas também por seu pensamento crítico sobre a tradução. Nascido na comunidade judaica russófona de Odessa, Ucrânia, e vindo para o Brasil em 1925, ele assinou suas primeiras traduções (publicadas pela Vecchi, do Rio de Janeiro) sob pseudônimo em meados da década de 1940. Publicou cerca de 300 artigos em jornais, com ênfase nas reflexões sobre a tradução da literatura russa, tanto de autores famosos como menos conhecidos. Schnaiderman traduziu diversos livros, alguns em parceria com os irmãos Campos e Nelson Ascher, e publicou o livro *Tradução: ato desmedido* (2011). Suas ideias sobre a literatura e a tradução russas fizeram dele um dos inovadores do pensamento sobre a tradução e um dos grandes eslavistas do século XX (Gomide 2012).

[Paulo Henrique Britto](#) (1951-) é um dos principais nomes da atualidade, com um amplo e reconhecido trabalho como tradutor, sendo também professor na PUC-Rio e escritor. Paulo Henrique Britto já publicou 06 livros de poesia, e traduziu mais de cem obras do inglês para o português, de Charles Dickens a Elizabeth Bishop, passando por D. H. Lawrence, Henry James, William Faulkner, Byron, e outros. Escreveu diversos artigos sobre tradução e publicou, em 2012, o livro *A tradução literária*, que recebeu o Prêmio Mário de Andrade de Ensaio Literário. Nesse livro, Britto apresenta reflexões sobre a tarefa do tradutor, amalgamando teoria e prática, pois a sua perspectiva é de prática pensante. Britto afirma que traduzir é um trabalho criativo, mas tradução e

criação literária não são a mesma coisa (2012: 27-28) e o tradutor não é necessariamente um traidor como não é verdade que as traduções ou bem são belas ou bem são fiéis; beleza e fidelidade são perfeitamente compatíveis (Britto 2012: 18-19). Na contramão de algumas correntes teóricas, para Britto o conceito de fidelidade ao original é de importância central na tradução. Para ele, o poema é um texto literário que pode ser traduzido como qualquer outro texto literário, podendo ser objetivamente analisado.

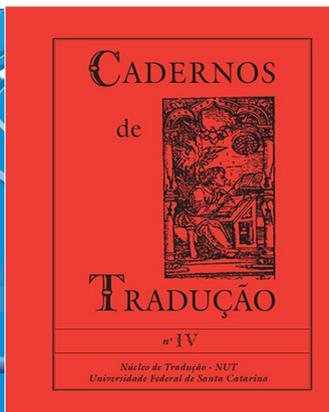
Álvaro Faleiros (1972-), professor de tradução e literatura francesa na Universidade de São Paulo, tem se dedicado à música, à tradução e à ensaística. No âmbito da tradução literária, Faleiros traduziu Apollinaire, Mallarmé e Paul Valéry e tem refletido sobre o processo de tradução em diferentes artigos e em livros, como *Traduzir o poema*, de 2012, em que dialoga com várias tendências dos estudos da tradução, analisando questões teóricas e práticas, com poemas traduzidos. O seu livro mais recente é *Traduções canibais: uma poética xamânica do traduzir*, de 2019, em que aproxima aspectos da tradução, reescrita poética e ação xamânica do pensamento ameríndio.

Além desses três nomes, há muitos pesquisadores, que têm publicado regularmente sobre a temática..

[back to top](#)

## ¶ A tradução na Academia no Brasil

Em termos acadêmicos, com a criação da disciplina Estudos da Tradução, a partir do texto “inaugural” de Holmes (1972) e na esteira da criação de cursos de tradução em outros países, vemos inicialmente o florescer dos cursos de graduação em diferentes universidades no Brasil. Atualmente, temos 30 bacharelados em tradução, que funcionam em instituições públicas e privadas de ensino superior. A profissão de tradutor foi reconhecida em 1988, mas ainda não é regulamentada. Os cursos de bacharelado em tradução estão ligados à área de Letras. O primeiro curso de graduação foi criado em 1969, Bacharelado em Letras: revisor-tradutor-intérprete, na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). Em instituições públicas, o primeiro curso foi criado em 1973, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul.



Nesse período, temos também a criação de revistas acadêmicas destinadas exclusivamente ao tema, como *Tradução & Comunicação* (1981-2013), a primeira a ser lançada no país, em uma parceria entre a Faculdade Ibero-Americana e a Associação Brasileira de Tradutores. Na sequência, outras revistas foram sendo publicadas, e entre as que não foram interrompidas ou descontinuadas, estão *TradTerm* (Universidade de São Paulo, 1994); *Cadernos de Tradução* (Universidade Federal de Santa Catarina, 1996); *Cadernos de Literatura em Tradução* (Universidade de São Paulo, 1997); *Cadernos de Tradução* (Universidade Federal do

*Duas revistas de Estudos da Tradução: Tradução e Comunicação (a primeira) e Cadernos de Tradução (a principal revista do país).*

Rio Grande do Sul, 1998); *Tradução em Revista* (PUC-Rio, 2004); *Ronái* (Universidade Federal de Juiz de Fora, 2006); *Belas Infiéis* (Universidade de Brasília, 2012); *Translatio* (Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2011); *Transversal* (Universidade Federal do Ceará, 2015).

Além dessas revistas, vários números monográficos e dossiês sobre tradução foram sendo publicados em revistas não dedicadas exclusivamente ao tema, como *Trabalhos em Linguística Aplicada*, *Ilha do Desterro*, *Revista da ANPOLL*, *Revista de Letras UFC*

Se o século XX foi marcado pela intensificação de obras traduzidas, criação dos cursos de graduação e publicação de revistas acadêmicas específicas sobre o assunto, a criação em 1986 do Grupo de Trabalho (GT) dos Estudos da Tradução na Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística (ANPOLL), e a criação, em 1992, da Associação Brasileira de Pesquisadores em Tradução (ABRAPT), o século XXI está sendo caracterizado pela criação dos programas dedicados exclusivamente aos Estudos da Tradução em nível de pós-graduação: mestrado e doutorado. A Pós-Graduação em Estudos da Tradução, da Universidade Federal de Santa Catarina (PGET/UFSC), foi a primeira a ser criada, em 2003, e a única atualmente a oferecer um doutorado específico na área de Estudos da Tradução. Até dezembro de 2020, foram titulados 329 mestres e 173 doutores na PGET/UFSC. Todas as dissertações e teses estão disponíveis em <https://ppget.posgrad.ufsc.br/teses-e-dissertacoes-pget/>. Em 2011, foi criado o mestrado em Estudos da Tradução da Universidade de Brasília, que já titulou 139 mestres. Nesse mesmo ano, foi aprovado o programa de Estudos da Tradução, na Universidade de São Paulo, mas finalizou suas atividades em 2016, titulando 56 mestres e 17 doutores (<http://dlim.fflch.usp.br/traducao>). Em 2014, foi criada a Pós-Graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal do Ceará (POET/UFC), que já titulou 68 mestres (<http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/22771>).

A institucionalização dos Estudos da Tradução no Brasil contribuiu para a multiplicação das pesquisas na área com desdobramentos em uma variedade de subáreas, entre elas a história da tradução. Nós três programas de pós-graduação ativos, a saber o da Universidade Federal de Santa Catarina (PGET), o da Universidade de Brasília (POSTRAD) e o da Universidade Federal do Ceará (POET), as linhas de pesquisa são: “Estudos da Tradução e da Interpretação com enfoque literário e/ou multidisciplinar” e “Estudos da Tradução e da Interpretação com enfoque linguístico e/ou multidisciplinar”, da PGET/UFSC; “Tradução: práxis, historiografia e a circulação da comunicação”; “Tradução: linguagem, cognição e recursos tecnológicos”, da POET/UFC e as linhas são “Teoria, Crítica e História da Tradução” e “Tradução e Práticas Sociodiscursivas” (POSTRAD/UnB).

No âmbito da pós-graduação, a tradução esteve presente inicialmente em linhas de pesquisa de programas, sobretudo de Literatura, Linguística, Estudos Clássicos e Filosofia. É o caso da UNICAMP, que nos anos 1990, através do Departamento de Linguística Aplicada do Instituto de Estudos da Linguagem. Rosemary Arrojo e Paulo Ottoni orientaram dissertações de mestrado e teses de doutorado. Outras universidades também se interessam pela tradução. A USP sempre produziu dissertações e teses sobre tradução, sobretudo no Departamento de Literatura Comparada e Línguas Clássicas, Departamentos de Línguas Modernas e Linguística e no Departamento de Filosofia. Pode-se dizer que a Universidade de São Paulo foi responsável por

formar uma série de tradutores de diferentes literaturas. Um caso emblemático é o do curso de russo, que, com Boris Schnaiderman (1917-2016), introduziu obras de autores traduzidos diretamente do russo e não indiretamente, como geralmente acontecia (em geral, da tradução francesa). O mesmo ocorreu com a literatura árabe, que por um certo tempo, teve apenas traduções indiretas. No decorrer do século XX e no século XXI, vimos obras da cultura árabe sendo traduzidas diretamente para o português, como as *Mil e uma noites*, cuja tradução esteve a cargo de Mamede Jarouche. Na USP também houve traduções pioneiras de outras línguas, como o hebraico e o chinês. Cabe assinalar, finalmente, as traduções realizadas do polonês na UnB, por Henryk Siewierski e na UFPR (Universidade Federal do Paraná), por Regina Przybycien e Marcelo Paiva de Souza.

Outras universidades do país, em todas as regiões, mantiveram e mantêm, linhas de pesquisa em tradução, como UFRGS, UFSM, UFPel, UFPR, UNESP, PUC-Rio, UFF, UERJ, UFMG, UFES, UFBA, UFPB, UFCG, UFPA, só para citar algumas.

Um outro setor em que a tradução vigorou é o de Letras Clássicas (grego e latim). Com a fundação das primeiras universidades, no século XX, temos cursos contemplando disciplinas afins aos Estudos Clássicos. A partir de 1950, uma formação mais especializada em Estudos Clássicos tornou-se possível graças aos primeiros cursos de pós-graduação, e houve um considerável aumento de publicações acadêmicas da área e, principalmente, de traduções. A título ilustrativo, e por seu “valor cultural e acadêmico”, citamos o projeto de publicação de obras clássicas do grego, como os diálogos de Platão, traduzidos do grego por Carlos Alberto Nunes, sob a coordenação de Benedito Nunes. Entre 1973 e 1980, foram publicados quatorze volumes e desde 2011, a [Editora da Universidade Federal do Pará](#) está republicando os textos, em edição bilíngue.

Uma ferramenta útil e de acesso aberto para acompanhar os trabalhos acadêmicos em nível de pós-graduação é o portal de teses e dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior ([CAPES](#)). As diferentes pesquisas sobre tradução podem ser acessadas pelo site: <https://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#/>, que cataloga integralmente os trabalhos defendidos desde 2012. Ao usar a palavra-chave “tradução” na busca, encontramos: Mestrado: 5876 e Doutorado: 2407. Já se usarmos a palavra-chave: “Estudos da Tradução”, o resultado é: Mestrado: 707 e Doutorado: 270; com “Estudos de Tradução”, temos Mestrado: 200 e Doutorado: 46.

Ademais, houve uma proliferação de eventos, que culminou com o [XI Congresso Internacional da Associação Brasileira de Pesquisadores em Tradução \(ABRAPT\) e V Congresso Internacional de Tradutores, realizado na Universidade Federal de Santa Catarina em 2013](#), que contou com 1352 apresentações e 2614 participantes, tendo sido até o presente momento o maior evento da área ocorrido no Brasil.

Outro acontecimento notável foi o reconhecimento da Língua Brasileira de Sinais (Libras), através da Lei 10.436, de 24 de abril de 2002 e a aprovação do decreto 5626, de 22 de dezembro de 2005 que regulamenta a Libras, que é incluída como disciplina curricular. São criados, então, os primeiros cursos de graduação em Libras. As inúmeras pesquisas que vêm acontecendo nessa área podem ser acessadas em um número especial da revista *Cadernos de Tradução* ([v. 35, n.2, 2015](#)), intitulado Estudos da Tradução e da Interpretação de Língua de Sinais:

<https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/issue/view/2296> e ainda a coleção [Estudos da Língua Brasileira de Sinais](#), coordenada por Ronice Müller e Carlos Henrique Rodrigues.

As pesquisas em audiodescrição são outro setor dos Estudos da Tradução no Brasil que vem crescendo e as primeiras pesquisas nessa área se devem, principalmente, a Eliane Franco (UFBA) e Vera Lúcia Santiago e Marisa Ferreira Aderaldo, da UECE (Universidade Estadual do Ceará, Soraya Ferreira Alves no POSTRAD/UnB e Patrícia Araújo Vieira na POET/UFC.

Cabe assinalar ainda, a emergência de um nova subárea na interface estudos da tradução/interpretação e língua de sinais, que pesquisa os tradutores e intérpretes de línguas de sinais na esfera jurídica, desenvolvida por Silvana Aguiar dos Santos, que atua na PGET/UFSC e POET/UFC.

Com o decreto lei n. 5.296, de 02 de dezembro de 2004, que regulamenta a lei 10.048 que dá prioridade no atendimento a serviços públicos, e a lei 10.098 que garante a [acessibilidade](#) das pessoas com deficiência, concretizou-se a obrigatoriedade de recursos acessíveis para comunidades com Deficiência Visual em diversos setores da sociedade brasileira. E as pesquisas da área ainda estão relacionadas à tradução audiovisual de filmes e teatro.

No vasto movimento de historicização da tradução no Brasil, se inclui o estudo dos tradutores, de suas traduções e o estudo de suas reflexões sobre a tradução. Entre as iniciativas de sistematização desta subárea, considerada por alguns como “estudos do tradutor”, cabe destacar algumas iniciativas como o [DITRA](#), que traça um breve perfil biobibliográfico de tradutores, em sua maioria contemporâneos. Uma outra iniciativa semelhante é o projeto de [Poesia Traduzida no Brasil](#), com a apresentação dos perfis dos tradutores de poesia.

Nas últimas décadas, houve uma preocupação de entrevistar sistematicamente os tradutores, sobretudo em revistas, mas também em livros, como *Conversa com tradutores*, de 2003, organizado por Adail Sobral e Ivone Benedetti; [Vozes Tradutórias](#), de 2016, organizado por Andréia Guerini, Marie-Hélène C. Torres e Walter Carlos Costa, composto com as entrevistas publicadas entre 1996 e 2016, na revista *Cadernos de Tradução*.

Houve também iniciativas de recolher a reflexão dos tradutores brasileiros, como o livro bilingue português-inglês, *Palavra de tradutor: reflexões sobre tradução por tradutores brasileiros/The Translator's Word: Reflections on Translation by Brazilian Translators* (Martins & Guerini (eds.) 2018).

Na esteira dessa iniciativa, criou-se em 2018 a [Coleção Palavra do Tradutor](#), pensada e coordenada por Andréia Guerini, Dirce Waltrick do Amarante, Karine Simoni, Sérgio Medeiros e Walter Carlos Costa, que tem por objetivo dar voz e visibilidade aos tradutores, e já publicou 07 volumes.

Há outras importantes coleções centradas não apenas na figura do tradutor, mas em assuntos relacionados à tradução em geral e aqui destacamos, a [Coleção Estudos da Língua Brasileira de Sinais](#), organizada por Ronice Müller de Quadros e Carlos Henrique Rodrigues, com 05 volumes.

*Com temática mais diversificada, temos a Coleção Engrenagens, pela Pontes Editores, organizada e coordenada por Germana Henriques Pereira, do POSTRAD/UnB, que publicou, entre 2015 e*

2021, 10 livros que tratam de temáticas que vão da história da tradução à formação de tradutores.

[back to top](#)

## ¶ Pesquisas potenciais

A interpretação comunitária é um setor de pesquisas que tende a se desenvolver, especialmente com a intensificação das migrações. O Brasil tem recebido refugiados haitianos, venezuelanos, sírios e iraquianos. Entre os imigrantes mais recentes no Brasil estão africanos. É ainda uma imigração pouco conhecida e abrange vários países do continente, entre eles Guiné Bissau, República Democrática do Congo, Senegal, Angola e Cabo Verde. Eles se concentram principalmente em São Paulo, mas estão presentes em outras partes do país, como Fortaleza. O jornal *Folha de São Paulo* fez recentemente uma série de reportagens sobre essa imigração, que é um fenômeno fascinante e merece a atenção de estudiosos de tradução e interpretação.

Outro campo de pesquisa ainda pouco explorado são os imigrantes brasileiros no exterior, que somam milhões. Atualmente estão espalhados por todos os continentes, com destaque para países como Estados Unidos, Canadá, Europa Ocidental, Japão e Austrália. Entre esses imigrantes estão brasileiros com dupla nacionalidade, jogadores de futebol e pessoas de todas as profissões. Os interessados podem acessar centenas de sites e blogs com depoimentos desses imigrantes.

Outros setores que tendem a se desenvolver em função das pesquisas em nível de pós-graduação são o de tradução automática, localização, dublagem e legendagem.

[back to top](#)

## Bibliografia



\* Adamo, Sergia. 2006. "Microhistory of translation". @ Bastin, Georges L. & Paul Fadio Bandia (eds.) 2006. *Charting the Future of Translation History*, 81-100. Ottawa: University of Ottawa. [\[+info\]](#) [\[quod vide\]](#)

Agnolin, Adone. 2001. "Jesuítas e selvagens: o encontro catequético no século XVI". @ *Revista de História* 144, 19-71. [\[+info\]](#) [\[quod vide\]](#)

Alencar, Maria Eduarda dos Santos. 2016. *Tradutoras brasileiras dos séculos XIX e XX*. MA Thesis. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina. [\[+info\]](#) [\[quod vide\]](#)

Almeida, Renato. 2003. "Literatura Infantil". @ Coutinho, Afrânio (ed.) 2003. *A Literatura no Brasil* 6th ed. vol. 04, 200-222. São Paulo: Global. [\[+info\]](#)

Alves Filho, Paulo Edson. 2010. "As traduções do jesuíta José de Anchieta para o tupi no Brasil colonial". @ *TradTerm* 17, 11-30. [\[+info\]](#) [\[quod vide\]](#)

Arbex, Paula Godoi. 2013. "Erico Verissimo e o fantasma da tradução". @ *Tradução & comunicação* 27, 35-57. [\[+info\]](#) [\[quod vide\]](#)

Bandeira, Manuel. 1966. *Itinerário de Pasárgada*, 3rd ed. São Paulo: Editora do Autor. [\[+info\]](#)

Bandeira, Manuel. 1978. *Andorinha, andorinha*. São Paulo: Círculo do Livro. [\[+info\]](#)

\* Barbosa, Heloisa & Lia Wyler. 1998. "Brazilian Tradition". @ Baker, Mona (ed.) 1998. *Encyclopedia of Translation Studies*, 326-333. London: Routledge. [\[+info\]](#)

Barbosa, Ruy. 1886. "Preambulo do traductor". @ Calkins, Norman Allison (ed.) 1886. *Primeiras Lições de coisas. Manual de ensino elementar para uso dos paes e professores, v-xv*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional. [English version by Norman Allison Calkins. Primary object lessons, for training the senses and developing the faculties of children. A manual of elementary instruction for parents and teachers. New York: Harper & Brothers, 1884]. [\[+info\]](#) [\[quod vide\]](#)

Bessa Freire, José Ribamar. 2003. *Da língua geral ao português: para uma história dos usos sociais das línguas na Amazônia*. Ph.D. thesis. Rio de Janeiro: Universidade do Estado do Rio de Janeiro - Instituto de Letras. [\[+info\]](#) [\[quod vide\]](#)

Bosi, Alfredo. 1992. *Dialética da colonização*. São Paulo: Companhia das Letras. [\[+info\]](#)

Bosi, Alfredo. 1997. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix. [\[+info\]](#)

Brandão, José Maurício. 2012. "Ópera no Brasil: um panorama histórico". @ *Revista Música Hodie* 12/2, 31-47. [\[+info\]](#) [\[quod vide\]](#)

- Brito, Manuel Carlos de. 1998. "Portugal". @ *The Grove Dictionary of Opera* 3, 1073-1074. London: Macmillan. [\[+info\]](#)
- Britto, Paulo Henriques. 2012. *A tradução literária*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. [\[+info\]](#)
- Burke, Peter. 2007. "Translating histories". @ Burke, Peter & Ronnie Po-chia Hsia (eds). 2007. *Cultural Translation in Early Modern Europe*, 125-141. Cambridge: Cambridge University Press. [\[+info\]](#)
- Candido, Antonio. 2004. *O romantismo no Brasil*. São Paulo: Humanitas. [\[+info\]](#)
- Castelo, José Aderaldo. "Os pródromos do romantismo". @ Coutinho, Afrânio (ed.) 2002. *A Literatura no Brasil* 6th ed. vol. 3, 37-69. São Paulo: Global. [\[+info\]](#)
- Costa, Walter Carlos; Andréia Guerini & Marie-Hélène Torres (eds.) 2005. *Dicionário de tradutores literários no Brasil*. Florianópolis: Núcleo de Tradução/Universidade Federal de Santa Catarina. [\[+info\]](#) [\[quod vide\]](#)
- \* Costa, Walter Carlos; Andréia Guerini & Marie-Hélène Torres (eds.) 2013. *Os Estudos da Tradução no Brasil nos séculos XX e XXI*. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina [\[+info\]](#) [\[quod vide\]](#)
- Coutinho, Afrânio. 2002. "Prefácio da Primeira Edição". @ Coutinho, Afrânio (ed.) 2002. *A Literatura no Brasil* 6th ed. vol. 1, 4-59. São Paulo: Global. [\[+info\]](#)
- Coutinho, Afrânio. 2002. "Realismo. Naturalismo. Parnasianismo". @ Coutinho, Afrânio (ed.) 2002. *A Literatura no Brasil* 6th ed. vol. 4, 4-19. São Paulo: Global. [\[+info\]](#)
- D'Hulst, Lieven. 2001. "Why and How to Write Translation Histories". @ Milton, John (ed.) 2001. *Emerging Views on Translation History in Brazil*, 21-32. São Paulo: Universidade de São Paulo. [\[+info\]](#)
- D'Hulst, Lieven. 2010. "Translation history". @ Gambier, Yves & Luc van Doorslaer (eds.) 2010. *Handbook of Translation Studies*, 397-405. Amsterdam: John Benjamins. [\[+info\]](#)
- \* Da Cunha, Manuela Carneiro (ed.) 1992. *História dos índios no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras/Secretaria Municipal de Cultura, Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo. [\[quod vide\]](#)
- De Almeida, Guilherme. 1936. *Poetas de França* (4th ed.) São Paulo: Companhia Editora Nacional. 1965. [\[+info\]](#)
- De Almeida, Guilherme. 1944. *Flores das "Flores do Mal" de Charles Baudelaire* (3ª ed.). São Paulo: Editora 34, 2010. [\[+info\]](#)
- De Amorim, Sônia Maria. 1999. *Em busca de um tempo perdido: edição de literatura traduzida pela Editora Globo (1930-1950)*. São Paulo: Edusp: Com-Arte; Porto Alegre: Ed. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. [\[+info\]](#)

\* De Andrade, Oswald. 1928. "Manifesto antropófago". @ De Andrade, Oswald. 1990. *A utopia antropofágica*, 47-52. São Paulo: Globo, Secretaria de Estado da Cultura. [[+info](#)]

De Campos, Haroldo. 1989. *O sequestro do Barroco na Formação da literatura brasileira: o caso Gregório de Mattos*. São Paulo: Iluminuras. [[+info](#)] [[quod vide](#)]

\* De Campos, Haroldo. 1963. "Da tradução como criação e crítica". @ De Campos, Haroldo. *Metalinguagem & outras metas: ensaios de teoria e crítica literária*, 31-48. São Paulo: Perspectiva, 2006. [[+info](#)]

\* De Campos, Haroldo; Marcelo Tápia & Thelma Médici Nóbrega (eds.). 2013. *Transcrição*. São Paulo: Perspectiva. [[+info](#)]

De Felipe, Paulo Henrique & Wilmar da Rocha D'Angelis. 2019. "Línguas indígenas e diversidade linguística no Brasil". @ *Roseta* 2/1, n.p. [[+info](#)] [[quod vide](#)]

De Holanda, Sérgio Buarque & Boris Fausto. 2007. *História da Civilização Brasileira*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 11 vols. [[+info](#)]

De Holanda, Sérgio Buarque. 2000. *Visão do Paraíso: os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil*. São Paulo: Brasiliense/PubliFolha. [[+info](#)] [[quod vide](#)]

De Holanda, Sérgio Buarque. 2002. *A contribuição italiana para a formação do Brasil* [Translated by Andréia Gueriní]. Florianópolis: Núcleo de Tradução/Universidade Federal de Santa Catarina. [[+info](#)] [[quod vide](#)]

De Moraes, Rubens Borba. 1979. *Livros e bibliotecas no Brasil colonial*. Brasília: Briquet de Lemos, 2006 (2nd. ed.). [[+info](#)]

De Oliveira, Gilvan Müller. 2008. *Plurilinguismo no Brasil*. Brasília: UNESCO/IPOL. [[+info](#)] [[quod vide](#)]

Delisle, Jean & Judith Woodsworth. 1995. *Translators through History*. Amsterdam: John Benjamins. [Portuguese version by Sérgio Bath. *Os tradutores na história*. São Paulo: Ática, 2003]. [[+info](#)]

Dépêche, Marie-France. 2000. "A tradução feminista: teorias e práticas subversivas: Nísia Floresta e a escola de tradução canadense". @ *T.E.X.T.O.S DE H.I.S.T.Ó.R.I.A.* 8/1-2, 157-188. [[+info](#)] [[quod vide](#)]

Duarte, Constância Lima. 2001. "Nísia Floresta e Mary Wollstonecraft: diálogo ou apropriação". @ *O eixo e a roda* 7, 153-161. [[+info](#)] [[quod vide](#)]

Faleiros, Álvaro. 2012. *Traduzir o poema*. Cotia: Ateliê. [[+info](#)]

Faleiros, Álvaro. 2019. *Traduções canibais. uma poética xamânica do traduzir*. Florianópolis: Cultura e Barbárie. [[+info](#)]

Faraco, Carlos Alberto. 2016. *História sociopolítica da língua portuguesa*. São Paulo: Parábola. [[+info](#)]

- Franco, Eliana Paes Cardoso. 2007. "Em busca de um modelo de acessibilidade audiovisual para cegos no Brasil: um projeto piloto". @ *TradTerm* 13, 171-185. [\[+info\]](#) [\[quod vide\]](#)
- Gambier, Yves & Ubaldo Stecconi (eds.) 2019. *A World Atlas of Translation*. Amsterdam: John Benjamins. [\[+info\]](#)
- Ginzburg, Carlo. 1993. "Microhistory: Two or three things that I know about it" [English version by John & Anne C. Tedeschi. @ *Critical Inquiry* 20/1, 10-35]. [\[+info\]](#)
- Gomide, Bruno Barretto. 2012. "Boris Schnaiderman: questões de tradução nas páginas de jornal". @ *Estudos Avançados* 26/76, 39-45. [\[+info\]](#) [\[quod vide\]](#)
- Guerreiro, Antonio; Ageu Kalapalo; Jeika Kalapalo & Ugise Kalapalo. 2017. "Kalapalo". @ Stenzel, Kristine & Bruna Franchetto (eds.) 2017. *On this and Other Worlds: Voices from Amazonia*, 89-138. Berlin: Language Science Press. [\[+info\]](#) [\[quod vide\]](#)
- Guidon, Niède. 1992. "As ocupações pré-históricas do Brasil (excetuando a Amazônia)". @ Da Cunha, Manuela Carneiro (ed.) *História dos Índios no Brasil*, 37-52. São Paulo: Companhia das Letras. [\[+info\]](#) [\[quod vide\]](#)
- Guimarães, Júlio Castañón. 2010. "Presença de Mallarmé no Brasil". @ *Reescritas e esboços*, 9-53. Rio de Janeiro: Topbooks. [\[quod vide\]](#)
- \* Hallewell, Lawrence. 1982. *Books in Brazil: a history of the publishing trade*. London: Scarecrow Press. [Portuguese version by Maria da Penha Villalobos, Lólio Lourenço de Oliveira & Geraldo Gerson de Souza. 2012. *O livro no Brasil: sua história*. 3rd ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo]. [\[+info\]](#)
- Harden, Alexandra Ramos de Oliveira. 2009. "Brasileiro tradutor e/ou traidor: frei José Mariano da Conceição Veloso". @ *Cadernos de Tradução* 23/1, 131-148. [\[+info\]](#) [\[quod vide\]](#)
- Harden, Alexandra Ramos de Oliveira. 2010. "Manuel Jacinto Nogueira da Gama: ciência e tradução no final do século XVIII". @ *Tradução em Revista* 1, 1-19. [\[+info\]](#) [\[quod vide\]](#)
- Harden, Alexandra Ramos de Oliveira. 2011. "Os tradutores da Casa do Arco do Cego e a ciência iluminista: a conciliação pelas palavras". @ *Trabalhos em Linguística Aplicada* 50/2, 301-320. [\[+info\]](#) [\[quod vide\]](#)
- Hirsch, Irene. 2008. "A tradução e a Inconfidência Mineira". @ *Tradução em revista* 5, 1-10. [\[+info\]](#) [\[quod vide\]](#)
- La Regina, Silvia. 2000. "Os sonetos de Gregório de Matos". @ *Atas do encontro internacional "Gregório de Matos e Guerra: O poeta renasce a cada ano"*, 139-155. Salvador: Fundação Casa de Jorge Amado/CEB. [\[+info\]](#) [\[quod vide\]](#)
- Lambert, José. 1993. "History, Historiography and the Discipline: A Programme". @ Gambier, Yves & Jorma Tommola (eds.) 1993. *Translation and Knowledge. Scandinavian Symposium on Translation Theory IV (6-6-1992)*, 3-25. Turku: University of Turku. [\[+info\]](#)

\* Lambert, José. 2020. "On the Fragmented History of Translation Historiography". @ Moniz, Maria Lin; Isabel Capeloa Gil & Alexandra Lopes (eds.) 2020. *Era uma vez a tradução... / Once upon a time there was translation...* Lisboa: Universidade Católica. [[+info](#)]

Martins, Ana Luiza & Tania Regina de Luca. 2012. *História da Imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto. [[+info](#)]

Martins, Márcia & Anna Olga Prudente de Oliveira. 2010. "D. Pedro II, monarca-tradutor". @ *TradTerm* 17, 45-66. [[+info](#)] [[quod vide](#)]

Martins, Wilson. 1978. *História da inteligência brasileira*, vol. 2 (1794-1855). São Paulo: Cultrix. [[+info](#)]

Massa, Jean-Michel. 2008. *Machado de Assis Tradutor*. Belo Horizonte: Crisálida. [[+info](#)]

Mendes, Manoel Odorico. 1854. "Advertência". @ *Eneida de Virgílio* [Portuguese version & notes by Odorico Mendes. Cotia: Ateliê Editorial, 2005]. [[+info](#)]

Mendes, Manoel Odorico. 1863? "Prologo". @ Martins, Marcia A. P. & Andréia Guerini (eds). 2018. *Palavra de tradutor: reflexões sobre tradução por tradutores brasileiros / The Translator's Word: Reflections on Translation by Brazilian Translators*, 87-90. Florianópolis: Editora Universidade Federal de Santa Catarina. [[+info](#)] [[quod vide](#)]

Moraes, Rubens Borba de. 1979. *Livros e bibliotecas no Brasil Colonial*. Rio de Janeiro: Estado de São Paulo. [[+info](#)] [[quod vide](#)]

Morel, Marco. "Os primeiros passos da palavra impressa". @ Martins, Ana Luiza & Tania Regina de Luca. 2012. *História da Imprensa no Brasil*, 23-43. São Paulo: Contexto. [[+info](#)]

[n. n.] "Domingos Caldas Barbosa". 2020-2021. *Dicionário Cravo Albin da música popular brasileira*. [[+info](#)] [[quod vide](#)]

[n. n.] IBGE. 2010. "Estudos especiais: O Brasil indígena: Língua falada". @ *IBGE Indígenas*. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. [[+info](#)] [[quod vide](#)]

Navarro, Eduardo de Almeida. 2012. "O último refúgio da língua geral no Brasil". @ *Estudos avançados* 26/76, 25-274. [[+info](#)] [[quod vide](#)]

Nolasco, Edgar César. 2007. "Clarice Lispector tradutora". *Revista Cerrados* 16/24, 263-272. [[+info](#)] [[quod vide](#)]

Novais, Fernando A. 2018. "Condições da privacidade na Colônia". @ Novais, Fernando A. & Laura Mello e Souza (eds.) 2018. *História da Vida Privada no Brasil*. vol. 1, 13-39. Rio de Janeiro: Companhia de Bolso. [[+info](#)]

Oliveira, Maria Clara Castellões de & Giovana Cordeiro Campos. 2009. "O pensamento e a prática de Monteiro Lobato como tradutor". *Ipotesi* 13/1, 67-79. [[+info](#)] [[quod vide](#)]

Paes, José Paulo. 1990 *Tradução: a ponte necessária*. São Paulo: Ática. [[+info](#)]

Paes, José Paulo. 2008. "A tradução literária no Brasil". @ Arêas, Vilma (ed.) 2008. *Armazém Literário: ensaios*, 153-181. São Paulo: Companhia das Letras. [\[+info\]](#)

Pallares-Burke & Maria Lúcia Garcia. 1996. *Nísia Floresta, O Carapuceiro e outros ensaios de tradução cultural*. São Paulo: Hucitec. [\[+info\]](#)

Peixoto, Marta. "Brazilian poetry from 1900 to 1922" @ Echevarría, Roberto González & Enrique Pupo-Walker. *The Cambridge History of Latin American Literature*, vol. 3, 233-245. Cambridge: Cambridge University Press. [\[+info\]](#)

Pontes, Heloísa. 1989. "Retratos do Brasil: editores, editoras e 'Coleções Brasileira' nas décadas de 30, 40 e 50". @ Miceli, Sergio (ed.) 1989. *História das Ciências Sociais no Brasil*, 359-409. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais. [\[quod vide\]](#)

Priore, Mary del. 2016. *História da gente brasileira*, vol. 1: Colônia. São Paulo: LeYa. [\[+info\]](#)

Pym, Anthony. 1998. *Method in translation History*. Manchester: St Jerome. [\[+info\]](#)

Ricardo, Cassiano. 2002. "Gonçalves Dias e o Indianismo". @ Coutinho, Afrânio (ed.) 2002. *A Literatura no Brasil* 6th ed. vol. 3, 70-138. São Paulo: Global. [\[+info\]](#)

Robinson, Douglas. 2020. *Construindo o tradutor* (transl. Jussara Simões). Bauru: Editora da Universidade Sagrado Coração. [\[+info\]](#)

Rodrigues, Aryon Dall'Igna. 1993. "Línguas indígenas: 500 anos de descobertas e perdas". @ *D.E.L.TA.* 9-1, 83-103. [\[+info\]](#) [\[quod vide\]](#)

Rodrigues, Cristina Carneiro. 2008. "Traduções da Coleção Brasileira: Fontes Primárias". @ *Tradução em Revista* 5. [\[+info\]](#) [\[quod vide\]](#)

Rodrigues, José Honório. 1985. *História viva*. São Paulo: Global Universitária. [\[+info\]](#)

Rosa, João Guimarães. 1967a *João Guimarães Rosa: Correspondência com seu tradutor italiano Edoardo Bizzarri*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2003 (3rd ed). [\[+info\]](#)

Rosa, João Guimarães. 1963b. *João Guimarães Rosa: Correspondência com seu tradutor alemão Curt Meyer-Clason* (ed. Maria Aparecida Faria Marcondes Bussolotti; transl. Erlon José Paschoal). Rio de Janeiro: Nova Fronteira/Academia Brasileira de Letras; Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2003. [\[+info\]](#)

Salomão, Sonia Netto. 2016. *Machado de Assis e o cânone Ocidental: itinerários de leitura*. Rio de Janeiro: Editora da Universidade do Estado de Rio de Janeiro. [\[+info\]](#)

\* Schwarcz, Lilia Moritz & Heloisa Murgel Starling. 2015. *Brasil: uma biografia*. São Paulo: Companhia das Letras. [\[+info\]](#)

Silva-Reis, Denny & John Milton. "The History of Translation in Brazil through the Centuries. In search of a Tradition". @ Gambier, Yves & Ubaldo Stecconi (eds.) 2019. *A World Atlas of Translation*, 395-416. Amsterdam: John Benjamins. [\[+info\]](#)

Silva-Reis, Dennys & Marcos Bagno. 2016. "Os intérpretes e a formação do Brasil: os quatro primeiros séculos de uma história esquecida". @ *Cadernos de Tradução* 36/3, 81-108. [[+info](#)] [[quod vide](#)]

Silva, César Agenor Fernandes da. 2010. *Ciência, técnica e periodismo no Rio de Janeiro (1808-1852)*. Ph.D. thesis. Franca: UNESP. [[+info](#)] [[quod vide](#)]

Verissimo, Erico. 1973. *Solo de clarineta*. Porto Alegre: Globo. [[+info](#)]

Viana Filho, Luís. 2002. "Joaquim Nabuco, Rui Barbosa". @ Coutinho, Afrânio (ed.) 2002. *A Literatura no Brasil* 6th ed. vol. 4, 183-203. São Paulo: Global. [[+info](#)]

\* Vieira, Else. 2018. "Brazilian Translators' Metalanguage: An Introduction". @ Martins, Marcia A. P. & Andréia Guerini (eds.) 2018. *Palavra de tradutor: reflexões sobre tradução por tradutores brasileiros / The Translator's Word: Reflections on Translation by Brazilian Translators*, 17-40. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina. [[+info](#)] [[quod vide](#)]

\* Wyler, Lia. 2003. *Línguas, poetas e bacharéis: uma crônica da tradução no Brasil*. Rio de Janeiro: Rocco. [[+info](#)]

## Websites

*Biblioteca Digital Curt Nimuendajú: línguas e culturas indígenas sul-americanas*. [[quod vide](#)]

Dryer, Matthew S. & Martin Haspelmath (eds.) 2010. *The World Atlas of Language Structures (WALS) online*. [[quod vide](#)]

*Hammarström, Harald (ed.) 2014. South American Indigenous Language Structures (SAILS) online*. [[quod vide](#)]

## Créditos



### **Andréia Guerini**

Professora titular de Estudos Literários e Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina e pesquisadora do CNPq. Ela tem publicado artigos, capítulos de livros, resenhas, traduções, e coorganizado diversos livros. Desde 2002, ela é editora-chefe da revista *Cadernos de Tradução* ([www.cadernos.ufsc.br](http://www.cadernos.ufsc.br)). Dentre as suas mais recentes publicações, destacam-se:

Martins, Marcia A. P. & Andréia Guerini (eds.). 2018. *Palavra de tradutor: reflexões sobre a tradução por tradutores brasileiros / The translator's word: reflections on translation by Brazilian translators*. Florianópolis: UFSC1. [[+info](#)] [[quod vide](#)]

Guerini, Andréia; Simone Homem de Mello & Walter Carlos Costa (eds.) 2019. *Haroldo de Campos: tradutor e traduzido*. São Paulo: Perspectiva. [[+info](#)]



### **Walter Carlos Costa**

Professor titular de Estudos Literários e Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina e pesquisador do CNPq. Na UFSC, ele atua na Pós-graduação em Estudos da Tradução (PGET). Ele também atua na Pós-graduação em Estudos da Tradução (POET) da Universidade Federal do Ceará (UFC). Ele tem publicado artigos, capítulos de livros, resenhas, traduções, e coorganizado diversos livros. É editor associado da revista *Cadernos de Tradução* ([www.cadernos.ufsc.br](http://www.cadernos.ufsc.br)). Entre as suas mais recentes publicações, destacam-se:

Guerini, Andréia; Simone Homem de Mello & Walter Carlos Costa (eds.) 2019. *Haroldo de Campos: tradutor e traduzido*. São Paulo: Perspectiva. [[+info](#)]

Freitas, Luana Ferreira de; Marie-Hélène Torres & Walter Carlos Costa (eds.) 2018. *Machado de Assis, Literatura e Tradução*. Fortaleza: Substância. [[+info](#)]



Sob licença [Licença Creative Commons Atribuição Não Comercial 4.0](#)

[Asociación Ibérica de Estudios de Traducción e Interpretación \(AIETI\)](#)